

Os Fundamentos e a Organização do Trabalho

AMANDA DUARTE LIMA



Ficha técnica

EDITORIAL

Textos: Amanda Duarte Lima

Revisão: Yunisson Fernandes da Silva

Para qualquer dúvida, entre em contato pelo e-mail: adlejovem@gmail.com

VISUAL

MANDALLA COMUNICAÇÃO | (85) 3104-5309

Projeto Gráfico: Sâmila Braga

Editoração e Ilustrações: Gustavo Rodrigues

Finalização e desenvolvimento de ilustrações: Sâmila Braga

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal do Ceará (IFCE) - Campus Fortaleza
Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT)
Sistema de Bibliotecas - SIBI
Ficha catalográfica elaborada pelo SIBI/IFCE, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

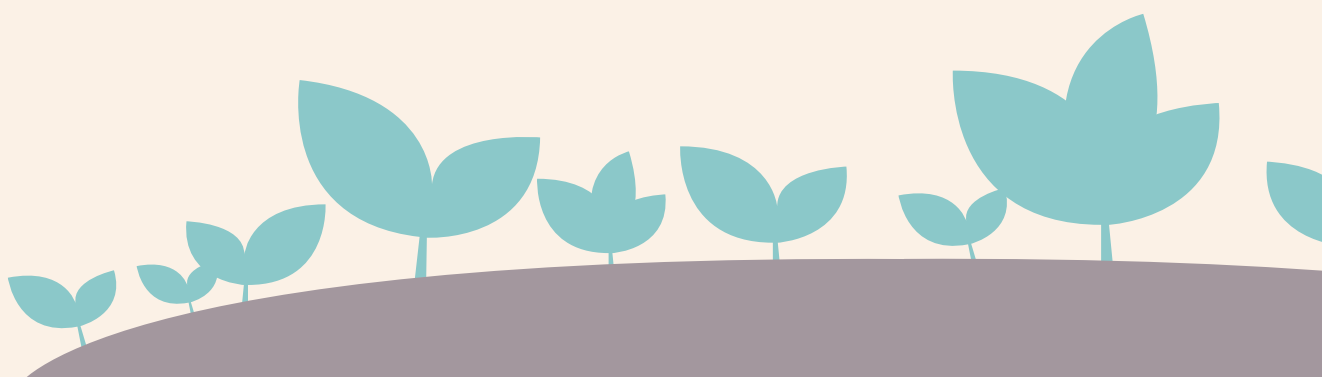
L732f Lima, Amanda Duarte.
Os fundamentos e a organização do trabalho
/ Amanda Duarte Lima. - 2019.
33 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado) - Instituto Federal do Ceará, Mestrado Profissional em Rede Nacional de Educação Profissional e Tecnológica, Campus Fortaleza, 2019.

Orientação: Prof. Dr. Solonildo Almeida da Silva.
Coorientação: Prof. Dr. Sandro César Silveira Jucá.

1. Trabalho. 2. História. 3. Sentido onto-histórico. I. Título.

CDD 378.013



Os Fundamentos e a Organização do Trabalho

AMANDA DUARTE LIMA





Sumário

1. A ORIGEM DO TRABALHO	08
2. TRABALHO NO SENTIDO ONTO-HISTÓRICO	20
2.1. O HOMEM COMO UM SER SOCIAL	21
2.2. EM BUSCA DO SENTIDO DO TRABALHO	24
3. AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS E O AVANÇO DO CAPITALISMO	30
3.1. Os SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO SÉCULO XX	37
3.2. Os IMPACTOS E AS CONSEQUÊNCIAS NAS RELAÇÕES SOCIAIS	42
4. A INDUSTRIALIZAÇÃO E AS RELAÇÕES TRABALHISTAS NA HISTÓRIA DO BRASIL	48
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57





Apresentação

Caro leitor,
Esta cartilha surge como produto de uma pesquisa desenvolvida no Mestrado Profissional em Educação Profissional Tecnológica no Instituto Federal do Ceará – IFCE (Campus Fortaleza). Tem como objetivo atender uma exigência acadêmica, mas, principalmente, contribuir e auxiliar para uma orientação na prática pedagógica para professores da disciplina de História, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, mas não se limita a esse público.

A cartilha está organizada de maneira que seja possível compreender o sentido, os fundamentos, a organização e a perspectiva do trabalho de forma dialética em seu viés emancipatório e ao mesmo tempo escravizante do modo como se apresenta em nossa sociedade vigente. O objetivo principal é compreender a organização do trabalho no século XX e os impactos dessa nova organização com as transformações na vida dos trabalhadores.

Nesse sentido, trouxemos elementos que possibilitam uma análise sobre a história do século XX, pois, ajudar-nos-á a assimilar o desencadeamento dos fatos e da organização do nosso atual século XXI, para que possamos chegar à conclusão irrefutável da existência da crise no modelo da sociedade capitalista como algo intrínseco a ele.

Em tempos de crise, não só econômica, mas também das relações sociais, o espaço educacional ainda permanece como uma das principais referências para os nossos educandos no quesito de ter acesso ao conhecimento humano, e atuar com atividades educativas emancipadoras dentro das limitações da sociedade capitalista. Acreditamos que é necessário superar a formação do trabalho numa perspectiva mais técnica, de habilitação e de qualificação.

As crianças e adolescentes na educação básica, os jovens e adultos na EJA carregam para as escolas uma história concreta pessoal e coletiva da história da exploração do trabalho. (ARROYO, 2014, p. 90). Seria muita pretensão pensar na escola como único espaço formativo do homem, pois ela faz parte de um processo. Na maior parte do tempo os educandos vivenciam situações fora da escola e quando chegam nela, muitas vezes, deparam-se com um conhecimento descontextualizado do mundo real e da sua prática. Logo, de acordo com Ivo Tonet (2012), a atividade educativa pode contribuir para a emancipação, mas não pode tomar a frente desse processo.

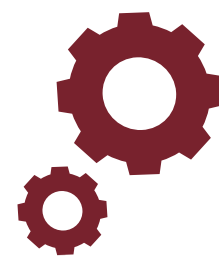
São desafios que não se limitam a uma resolução por meio de uma simples cartilha e que estão para além de nossas inquietações teóricas, inclusive, intrinsecamente relacionada ao sentido e à relação que atualmente se apresentam sobre as categorias de trabalho e de educação em nossa sociedade estruturalmente dualista (trabalho intelectual e material) e marcada pela desigualdade social. Desejamos que esta cartilha possa auxiliar e levantar reflexões sobre o processo educativo para uma formação humana, reflexiva, histórica e crítica.



1.

A ORIGEM DO TRABALHO





Neste capítulo iremos iniciar através de uma abordagem de como o conceito de trabalho se configura ao longo da história da humanidade. Abordaremos desde a origem do homem-social ao longo do trabalho até a compreensão da perspectiva dele em um sentido emancipatório. Por este caminho, iremos desde a antiguidade, perpassando por diversas culturas até alcançarmos os tempos atuais. Nessa análise está intrínseco que o presente estudo visa criar referenciais teóricos que justifiquem uma intenção de mudança na relação sobre o trabalho diferente da que predomina e se apresenta atualmente.

A origem do termo *trabalho* provém do baixo latim *tripalium*, o nome da máquina de três pés destinada a ferrar os animais indóceis, tornada a maneira corrente de designar um instrumento de tortura (LE GOFF e TURONG, 2014, p. 65) que era utilizado na Roma antiga para castigar os escravos. Deve-se notar que desde a antiguidade o exercício do trabalho era mal visto e condenado, logo, estando na origem do seu nome uma carga historicamente negativa.

Ao pesquisarmos no dicionário a definição sobre trabalho encontramos os seguintes significados:

***Emprego;** o ofício ou a profissão de alguém. / Conjunto das atividades realizadas por alguém para alcançar um determinado fim ou propósito; os mecanismos mentais ou intelectuais utilizados na realização de algo. Trabalho é sinônimo de esmero, labor, labuta, afã, responsabilidade, tarefa, serviço, ofício e ocupação.*

Disponível: <//
[www.dicio.com.br/
trabalho/](http://www.dicio.com.br/trabalho/)>. Acesso
em: 10 ago. 2018.

Por esse caminho, os significados que o dicionário trouxe nos possibilita algumas reflexões, pois, por meio deles, compreenderemos qual a visão que se consolidou ou que se quis concretizar sobre aquele conceito. Assim, podemos perceber que a primeira definição sobre o trabalho apresentada está relacionada à perspectiva do capital e a que predomina de modo geral no senso comum, o trabalho como emprego e no processo da realização de um determinado ofício.

Antes de levantarmos discussões sobre essa acepção trazida pelo dicionário, abordaremos o processo de relação sobre o trabalho na história para percebermos as alterações sofridas ao longo do tempo. Salientamos que não temos intenção de abordar de maneira detalhada e concisa cada tempo histórico, e que serão ressaltados somente alguns períodos.

O homem ao produzir trabalho, se constrói físico e intelectualmente dando significado ao tempo, desta forma, trabalhar é fazer história. Essa atividade laboral deve apresentar-se como um sentido muito além do que produzir obras, pois nela está a própria essência do homem, é uma atividade vital humana. O trabalho foi a atividade que distinguiu esse ser dos demais animais, quando passou a produzir os meios de subsistência, pois essa ação sobre a natureza é voluntária, mas também consciente.

Nas comunidades primitivas, de modo comum, se estruturava uma sociedade tribal, existindo por meio natural a divisão do trabalho por sexo e idade, e todos os indivíduos possuíam um papel, quer dizer, tinham uma posição de importância dentro daquela composição social. Naquele período não existia propriedade individual. Depois de um determinado momento histórico a humanidade sentiu necessidade me-



diante as complexas relações sociais que foram se estabelecendo, possibilitada pelo sedentarismo e acúmulo de excedentes de produção, de criar um trabalho social que divergia do material.

Para Marx e Engels (2005, p. 57), essa divisão do trabalho só se tornou efetiva com a fragmentação material e espiritual. A profissão que exigia o ócio para governar os demais ofícios, cada vez mais se afastava do trabalho material, este foi exercido por escravos e foi perdendo valorização social. Para essa nova classe dirigente manter-se no poder assegurava-se o conhecimento, não divulgando os saberes, reservados somente à classe naquele momento dominante.

Conforme o exposto, podemos levantar a seguinte reflexão por meio de Marx e Engels (2005, p. 57- 58): de que essa divisão do trabalho só foi possível em decorrência da contradição das relações sociais com as forças de produção existentes. Essa divisão do trabalho está fortemente vinculada à construção de propriedade coletiva e privada.

Em uma abordagem sobre as antigas civilizações, na Grécia, por exemplo, podemos perceber que o trabalho se tornou uma atividade negativa, porém, necessária, por isso realizada por grupos com menor importância social. Os cidadãos gregos valorizavam o ócio (atividade livre e de fruição que levou inclusive na cidade de Atenas ao desenvolvimento da filosofia), que era restrito para cidadãos atenienses, senhores de terras e proprietários de escravos.

Em sua obra, *A Política*, Aristóteles (2006) descreve sobre a divisão social vista como algo natural na Grécia antiga, justificando a necessidade e o uso da mão de obra escrava por um determinado grupo que não possuía o instinto de mando, restando a eles obedecer e trabalhar. Inclusive colocando na mesma classe os escravos, os bárbaros e as mulheres. Como se pode observar no trecho a seguir:

Há também, por obra da natureza e para a conservação das espécies, um ser que ordena e um ser que obedece. Porque aquele que possui inteligência capaz de previsão tem naturalmente autoridade e poder de chefe; o que nada possui além da força física para executar, deve, forçosamente, obedecer e servir. (...) Entre os bárbaros a mulher e o escravo se confundem na mesma classe. Isso acontece pelo fato de não lhes ter dado a natureza o instinto de mando (ARISTÓTELES, 2006, p. 14).

Desta forma, percebe-se que ao longo do tempo e com as relações sociais se tornando mais complexas, a divisão do trabalho transformou a atividade manual como uma condenação, por isso realizada por escravos e inclusive será atribuído, como vimos no início do capítulo, a origem do seu termo, *tripalium*, como instrumento de tortura, associando-o ao sofrimento.

Na Europa feudal, Gomez (2012) destaca que naquele período:

(...) de sistemas socioeconômicos onde a produção material é fundamentalmente consumo, onde a terra é a dimensão do poder sociopolítico das classes

aristocráticas, onde a afirmação de que os homens são por natureza desiguais é tida como “racional”, o trabalho humano só podia ser concebido como estigma fatal ou castigo (GOMEZ, 2012, p. 43).

Ocorre que nesse contexto se estruturava de modo geral a seguinte forma: o clero e a nobreza, constituindo as classes governantes, controlavam a terra e o poder que dela provinha. A igreja prestava ajuda espiritual, enquanto a nobreza, proteção militar. Em troca exigiam pagamento das classes trabalhadoras, sob a forma de cultivo das terras.

Logo, de acordo com Huberman (1986), a sociedade feudal possuía em seus estabelecimentos a função de cada ordem social restando o trabalho manual para a classe desprovida de poder e terra, os servos, trabalhadores urbanos e a burguesia. Esta última, em parte, condenada pela igreja católica pela **prática da usura.**

Empréstimo com pagamento de juros ao credor.

Na Idade Média a instituição que possuía grande poder de influência ideológica, econômico e cultural era a igreja católica, pois possuía hegemonia e era a única alternativa para a salvação do espírito, pela alienação ideológica formulada da época. Com uma maioria da população analfabeta, o saber sobre as escrituras que regiam todo o modo de ser daquela época era traduzido e exposto somente por clérigos da igreja.

À vista disso o trabalho também era definido através das interpretações escriturísticas, logo seu sentido migrava entre castigo e criação. Como apresenta Le Goff e Turong (2014):

As duas palavras que designam o trabalho são opus e labor. Opus (a obra) é o trabalho criador, o vocábulo do Gênesis que define o trabalho divino, o ato de criar o mundo e o homem à sua imagem. Desse termo derivará operari (criar uma obra), operarius (aquele que cria) e que dará mais tarde no francês “ouvrier”, isto é, o trabalhador da era industrial. (...) Labor (a pena), o labor, o trabalho laborioso, está do lado do erro e da penitência (2014, p. 65).

O trabalho manual aparece nas escrituras sagradas antes e depois da queda de Adão e Eva, primeiro para o cultivo para conservar o paraíso; e depois como uma forma de castigo, em que o homem deveria suar para “ganhar o pão”. Vê-se então a diferença do trabalho no paraíso e fora dele. Visto então como penitência em consequência do pecado cometido.

O ócio era prática exclusiva para determinadas composições sociais. Só após o mercantilismo o ócio será invertido quanto ao seu significado e o trabalho deixará de ser associada ao pecado e sim como atribuição divina, como necessário e dignificante. Le Goff e Turong (2014, p. 68-69) afirma que o trabalho intelectual é, assim, promovido e referendado, sobretudo no seio das universidades. A divisão do trabalho prossegue em benefício de uma classe de proprietários que amarra o operário e o camponês à terra e à ferramenta.

No século XV e XVI inúmeras mudanças juntamente com o processo do colonialismo permitiram o acúmulo de riquezas e deram à classe burguesa a oportunidade de

ascensão ao poder. As revoluções liberais, a dizer, a Reforma Protestante, Revolução Gloriosa, Revolução Industrial e Revolução Francesa levaram à destruição da velha ordem feudal. Consequentemente, ditava-se um novo ritmo de trabalho, de tempo, de vida, cultura e pensamento, pois a mudança no modo de pensar também era necessária para legitimar a sociedade nascente.

A Revolução Industrial foi iniciada na Grã-Bretanha, não somente por méritos de avanços científicos ou tecnológicos, mas, principalmente, por um fator de acumulação de riquezas, capital comercial acompanhado pela urbanização relacionada com a vida rural através do processo de **“Decreto de Cercas”**. Expulsos da terra e sem alternativa, os camponeses tiveram que buscar outros meios de subsistência e passaram a serem artesãos, aprendizes e posteriormente assalariados.

A indústria começou a ser feita em casa pelo processo de autoprodução. Com o comércio, o artesão passou a viver do seu ofício e, para atender a demanda, passou a ter os seus aprendizes. Os artesãos eram os donos da matéria-prima e dos seus instrumentos de trabalho. Esse modo de produção exigia o conhecimento total da realização do produto. Devido ao aumento da procura por mercadorias organizaram-se em corporações de artesanatos.

A função do mestre artesão passou a ser supervisionar outros trabalhadores. Logo, podemos perceber que desde a manufatura já se estruturavam elementos científicos para o advento da grande indústria, entre eles foram a organização e divisão do trabalho especializado e o desenvolvimento das máquinas. O comércio em grande escala interferiu em todo o processo econômico, principalmente ao ser acrescentado as modernizações das máquinas e as novas fontes de energias que facilitaram o aumento do processo de produção. Essa expansão do mercado é uma chave importante para compreensão das forças que produziram a indústria capitalista.

Como vimos anteriormente, os artesãos possuíam todo o conhecimento do processo dos seus trabalhos e dos seus produtos. Na manufatura eles ainda possuíam esse domínio sobre o produto e sobre todo o processo com o auxílio de algumas divisões e especializações de trabalho para atender uma crescente demanda. Porém, já na maquinofatura perdeu-se essa compreensão total da produção e da própria identidade do trabalhador com esse processo com a chegada da **máquina-ferramenta**, assim denominada por Marx (2017), que passou a dominar todo ou quase todo processo de transformação da matéria-prima em produto substituindo um grande quantitativo de mão-de-obra humana.

A Revolução Industrial trouxe um sentido técnico dessa organização do trabalho, surge então uma forma de conhecimento apropriada pelo empresariado para ter um meio de controle social. O empresariado passa a dominar a matéria-prima, os meios de produção, no caso as máquinas e os instrumentos de trabalho e o próprio produto final desse trabalho. Logo restou ao proletariado vender sua mão-de-obra em troca de um salário para sua sobrevivência. Inclusive ele não ver mais aquilo como produto da sua produção em si, mas de um processo totalmente desvinculado à realidade e ao sentido da vida dele.

O lucro advindo da capacidade de comprar produtos baratos e vendê-los mais caros, ter domínio sobre a matéria-prima e do pagamento da mão-de-obra permitiu e ocasionou a construção de centros urbanos industriais. Onde inicialmente em seu processo de estruturação tornou, o ambiente sujo, feio e poluído, sustentado por uma mão-de-obra mal paga, em que até crianças estavam submetidas a essas condições, em situações de miserabilidade, porém, todo esse cenário trazia lucros exorbitantes para

Foi uma alteração na lei inglesa que consistiu em uma crescente ação de privatização de terras que eram de uso comum dos camponeses, através do cercamento desses locais realizado por poderosos senhores locais. A paisagem rural inglesa que era caracterizada pelo openfield (o campo aberto, sem vedação) passou a ter sua exploração nos campos fechados.
Fonte: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/cercamentos-revolucao-industrial-inglesa.htm>. Acessado em 09/05/2019.



De acordo com Marx (2017), a máquina equivale a força motriz e a ferramenta de trabalho pode ser a própria mão de obra humana, porém é com o advento da máquina-ferramenta que nasce a revolução industrial no século XVIII, pois essa máquina já resulta no produto sem a intervenção do homem, apenas com a sua assistência.

os homens de negócios.

Existiam vários discursos burgueses e de economistas que legitimavam a exploração e esse novo sistema de produção industrial. Logo, justificavam o trabalho infantil de diversas formas como nos apresenta Huberman (1986, p. 182- 183), diziam que nada mais favorável para moral dos operários do que o hábito, desde cedo, da subordinação, da indústria e regularidade. Ainda afirmavam que tudo que o filho de um pobre necessita está encerrado em duas palavras - indústria e inocência.

A luta dos operários pela redução da carga horária era criticada pelos empresários, pois viam o ócio como uma prática negativa e perniciosa para os trabalhadores. Alguns economistas vão defender que os pobres eram culpados por suas misérias, outros defendiam que o aumento e diminuição do salário deveria estar associada ao tamanho da família do trabalhador e como se não bastasse outros diziam que era necessária uma lei férrea dos salários para pagar o mínimo possível somente para a subsistência.

Nesse novo sistema do capitalismo industrial, configurou-se um novo ritmo e controle sobre o trabalho e, conseqüentemente, das relações trabalhistas. De acordo com Thompson (1998), mudou até a percepção interna do tempo. A presença do relógio para medir com precisão o tempo como forma de controle e símbolo de poder mostra como esse processo de industrialização ao levar o empregado para dentro da indústria criou um ritmo de produção determinado não necessariamente pelas condições naturais e climáticas, mas sim pelo da máquina, acelerou o ritmo de produção para que dessa forma fosse possível o aumento da escala produtiva utilizando o mínimo possível de mão-de-obra humana.

As máquinas e essa nova forma de trabalho apareceram como um meio de disciplinar o corpo ocioso. Criaram-se diversos mecanismos de controle como folha de registro de entrada e de saída, multas, delações, dentre outros. O tempo tornou-se um fator de remuneração, logo passou a ser medido, ganhado ou desperdiçado. Percebe-se que se instalou uma nova disciplina ele, até mesmo fora das fábricas, nas escolas e em outros espaços esse controle e disciplina do corpo, o controle sobre a carga horária estava intrinsecamente relacionado ao sucesso pessoal.

Ocorre que o trabalho passou a exigir cada vez menos habilidades das mãos e cada vez mais a livre disponibilidade do corpo. A máquina, obra da inteligência humana, poderia finalmente reduzir a jornada de trabalho para transformar o homem escravo em cidadão político, culto e artista (GOMEZ, 2012, p. 45 – 46). Porém, assim que se intensificou e ampliou as indústrias na Europa:

(...) a máquina não estava tão a favor do trabalhador como as ciências progressistas da época apregoavam. (...) de fato, os novos processos técnicos não encurtavam a jornada de trabalho. Mais ainda, a jornada era alongada exatamente como consequência desses novos processos técnicos e das necessidades da rápida acumulação de capital. (2012, p. 48 – 49).

De acordo com Marx (2017) a maquinaria foi utilizada para produção de **mais-valor** e ela se tornou o meio mais eficaz para o prolongamento desse período de tempo.

Mais-valor: termo utilizado por Marx (2017) para definir o excedente da produção do trabalhador, recolhido pelo capitalista. É a sustentação do lucro nesse sistema do capital.

Depois, condensou-se as horas de produção, diminuíram a jornada de trabalho, mas intensificaram as etapas produtivas para torná-la mais rentável. Com isso aumentou o rigor e a fiscalização. O enriquecimento aumentou com a exploração intensiva de força de trabalho e o homem passou a ser uma peça de funcionamento da máquina, esta que passaria a ditar o próprio ritmo de trabalho humano. Essa forma de pensamento estava moldando uma nova era, a era que se acelerou após a Revolução Industrial.

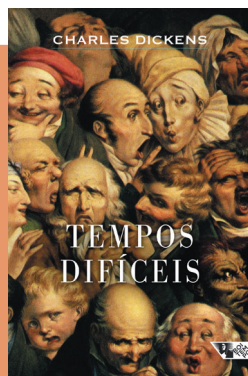
É notório o quanto essa nova era trouxe mudanças e o quanto ainda se torna presente determinadas reflexões históricas sobre o passado. Atualmente já se estabelecem novas relações de organização e trabalho que alteraram e alteram constantemente nossas próprias relações humanas. Podemos perceber que usar o mesmo conceito de trabalho para os diversos períodos históricos é cometer um **anacronismo** e não abrange a diversidade da própria palavra e do sentido que ela teve ao longo do processo de socialização do ser humano na história.

Erro que consiste em atribuir os costumes e conceitos de uma época a outra ignorando todo o processo histórico.

Nossa dificuldade de apreensão da visão do trabalho como transcendência vem da visão que temos dele como objeto. A sociedade capitalista o transformou em mercadoria, associado à coisa. Filiado sempre ao abstrato à força do trabalho, a ocupação, o emprego, a função, a tarefa, tudo que está inserida no mercado de trabalho, como apresentamos logo no início deste capítulo.

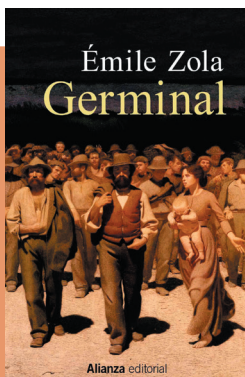
Dessa forma, passou a negar ao trabalhador a liberdade e o desejo criativo. Por consequência, perdeu-se a compreensão de que o trabalho é uma relação social que define o modo humano de existência. Vale ressaltar que, predominam as teorias e os discursos hegemônicos (humanismo, positivismo e funcionalismo) de interiorização da concepção burguesa de trabalho.

Por isso, como constata Manacorda (2010, p. 77), a indústria é a ciência na prática e o conhecimento colocado para intervir no meio. Logo, a ciência, a tecnologia e o seu progresso devem ser para o bem e usufruto para toda a humanidade, porém, foi apropriado pelo capital para atender seus interesses. O trabalho deveria emancipar o homem e não causar sua própria destruição. A liberdade seria então possível quando se suprimisse o trabalho determinado pela necessidade ou pela finalidade externa, dessa maneira, deveria se reduzir ao mínimo cada vez mais baixo esse tempo para toda a sociedade, assim, deixar livre o tempo de todos para o seu próprio desenvolvimento.



TEMPOS DIFÍCEIS | CHARLES DICKENS

O livro trata sobre o período inicial da Revolução Industrial na Inglaterra em seu processo de instalação e consolidação do sistema capitalista em busca do lucro acima das condições humanas e das questões ambientais. Mostra a dura realidade das fábricas e as formas de resistência onde os "agitadores" e "perniciosos" reivindicavam por melhores condições de trabalho. O autor aborda o processo de massificação dos trabalhadores pela revolução industrial, moldando novos costumes como seus horários de dormir e acordar, suas duras rotinas, suas residências e modo de viver.



GERMINAL | ÉMILE ZOLA

O livro descreve de forma realista a precariedade e as condições de trabalho, miséria e exploração da classe operária do século XIX de uma comunidade de mineiros. Nessa obra é possível destacar os elementos de opressão social entre capitalistas e operários. Além de apresentar elementos importantes para compreender as formas de organização de resistência e os desejos de mudanças, tudo isso ressaltando intensamente o contraste entre o maquinário e as necessidades humanas.

POESIA EM ANÁLISE

PERGUNTAS DE UM TRABALHADOR QUE LÊ

Quem construiu a Tebas de sete portas?
 Nos livros estão nomes de reis:
 Arrastaram eles os blocos de pedra?
 E a Babilônia várias vezes destruída
 Quem a reconstruiu tantas vezes?
 Em que casas da Lima dourada
 moravam os construtores?
 Para onde foram os pedreiros, na
 noite em que a Muralha da China ficou
 pronta?
 A grande Roma está cheia de arcos do
 triunfo:
 Quem os ergueu?
 Sobre quem triunfaram os Césares?
 A decantada Bizâncio
 Tinha somente palácios para os seus
 habitantes?
 Mesmo na lendária Atlântida
 Os que se afogavam
 gritaram por seus escravos

Na noite em que o mar a tragou?
 O jovem Alexandre conquistou a Índia.
 Sozinho?
 César bateu os gauleses.
 Não levava sequer um cozinheiro?
 Filipe da Espanha chorou,
 quando sua Armada naufragou.
 Ninguém mais chorou?
 Frederico II venceu a Guerra dos Sete
 Anos.
 Quem venceu além dele?
 Cada página uma vitória.
 Quem cozinhou o banquete?
 A cada dez anos um grande Homem.
 Quem pagava a conta?
 Tantas histórias.
 Tantas questões.

BRECHT, BERTOLT. (1898 - 1956)

DRAMATURGO E POETA ALEMÃO, SEUS ESCRITOS ERAM
 DE CRÍTICAS SOCIAIS E POLÍTICAS DO SÉCULO XX.

A poesia de Brecht pode ser utilizada em sala de aula para gerar reflexões sobre a importância dos trabalhadores ao longo da história e a falta de reconhecimento de seu trabalho através dos registros nas fontes e documentos históricos oficiais. Onde estão nos livros, nos museus, nas praças, as homenagens aos trabalhadores? Quais os interesses por trás das escolhas de heróis ou de nomeações aos espaços e instituições públicas?



- Quais os períodos históricos dos textos e das imagens?
- Quem realizava os trabalhos braçais, produtivos?
- Em que condições de trabalho esses trabalhadores estavam submetidos?
- A produção era para sua sobrevivência e da comunidade ou para outro grupo social?
- Quais semelhanças e diferenças podemos relacionar com os dias de hoje?

16

Em sua obra, *A Política*, Aristóteles (2006) descreve sobre a divisão social vista como algo natural na Grécia antiga, justificando a necessidade e o uso da mão de obra escrava por um determinado grupo que não possuía o instinto de mando, restando a eles obedecer e trabalhar. Inclusive colocando na mesma classe os escravos, os bárbaros e as mulheres. Como se pode observar no trecho a seguir:

Há também, por obra da natureza e para a conservação das espécies, um ser que ordena e um ser que obedece. Porque aquele que possui inteligência capaz de previsão tem naturalmente autoridade e poder de chefe; o que nada possui além da força física para executar, deve, forçosamente, obedecer e servir. (...) Entre os bárbaros a mulher e o escravo se confundem na mesma classe. Isso acontece pelo fato de não lhes ter dado a natureza o instinto de mando (ARISTÓTELES, 2006, p. 14)."



Fonte da imagem:
bit.ly/2EWe0Gc.
 Acesso em
 09/05/2019



Trabalho na Idade Média

“Na Idade Média a instituição que possuía grande poder de influência ideológica, econômico e cultural era a igreja católica, pois possuía hegemonia e era a única alternativa para a salvação do espírito, pela alienação ideológica formulada da época. Com uma maioria da população analfabeta, o saber sobre as escrituras que regiam todo o modo de ser daquela época era traduzido e exposto somente por clérigos da igreja.

À vista disso o trabalho também era definido através das interpretações escriturísticas, logo seu sentido migrava entre castigo e criação. Como apresenta Le Goff e Turong (2014):

As duas palavras que designam o trabalho são opus e labor. Opus (a obra) é o trabalho criador, o vocábulo do Gênesis que define o trabalho divino, o ato de criar o mundo e o homem à sua imagem. Desse termo derivará operari (criar uma obra), operarius (aquele que cria) e que dará mais tarde no francês “ouvrier”, isto é, o trabalhador da era industrial. (...) Labor (a pena), o labor, o trabalho laborioso, está do lado do erro e da penitência (2014, p. 65).

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

Fonte da imagem:
bit.ly/2WSI9k4.
Acesso em
09/05/2019

O trabalho manual aparece nas escrituras sagradas antes e depois da queda de Adão e Eva, primeiro para o cultivo para conservar o paraíso; e depois como uma forma de castigo, em que o homem deveria suar para “ganhar o pão”. Vê-se então a diferença do trabalho no paraíso e fora dele. Visto então como penitência em consequência do pecado cometido.”



Trabalho industrial

“A Revolução Industrial trouxe um sentido técnico dessa organização do trabalho, surge então uma forma de conhecimento apropriada pelo empresariado para ter um meio de controle social. O empresariado passa a dominar a matéria-prima, os meios de produção, no caso as máquinas e os instrumentos de trabalho e o próprio produto final desse trabalho. Logo restou ao proletariado vender sua mão-de-obra em troca de um salário para sua sobrevivência. Inclusive ele não ver mais aquilo como produto da sua produção em si, mas de um processo totalmente desvinculado à realidade e ao sentido da vida dele.

O lucro advindo da capacidade de comprar produtos baratos e vendê-los mais caros, ter domínio sobre a matéria-prima e do pagamento da mão-de-obra permitiu e ocasionou a construção de centros urbanos industriais. Onde inicialmente em seu processo de estruturação tornou, o ambiente sujo, feio e poluído, sustentado por uma mão-de-obra mal paga, em que até crianças estavam submetidas a essas condições, em situações de miserabilidade, porém, todo esse cenário trazia lucros exorbitantes para os homens de negócios.”

Fonte da imagem:
bit.ly/2KL4urs.
Acesso em
09/05/2019



MÚSICA PARA PENSAR

LUTA DE CLASSES

Tudo que eu posso ver é essa neblina
Cobrindo o entardecer em cada esquina
Tudo que eu posso ver é essa fumaça
Cobrindo o entardecer em cada vidraça
Mas eu quero te contar os fatos
Eu posso mostrar fotos pra você
É só ter um pouco mais de tato
Que fica claro pra você
Desde a antiguidade
As coisas estão assim, assim
Os homens não são iguais, não são
Não são iguais, enfim!
Daí toda essa história
Daí a história surgiu
Escravos na Babilônia
Trabalhador no Brasil
Tudo que eu posso ver é essa neblina
Cobrindo o entardecer em cada esquina
Tudo que eu posso ver é essa fumaça
Cobrindo o entardecer em cada vidraça
Mas veio o ideário
Da tal revolução burguesa
Veio o ideário, veio o sonho socialista

Veio a promessa de igualdade e liberdade
Cometas cintilantes que se foram pela noite
Existirão enquanto houver um maior!
Daí é que vem a história
Daí a história surgiu
Escravos na Babilônia
Trabalhador no Brasil
Do antigo Egito à Grécia e Roma
Da Europa feudal
Do mundo colonial
Do mundo industrial
Na Rússia stalinista e Wall Street
Em Cuba comunista
E no Brasil?
E no Brasil, hein?
Daí é que vem a história
Daí o homem servil
Escravo parecendo
Trabalhador no Brasil
Daí é que veio a história
Daí a história surgiu
Escravo na Babilônia
Trabalhador no Brasil

CIDADE NEGRA (GRUPO MUSICAL BRASILEIRO DE REGGAE E POP ROCK)

Através dessa música, o professor pode levantar reflexões sobre luta de classes, divisão social, relações e condições trabalhistas ao longo da história, além de fazer um paralelo com os tempos atuais.



FILME E REFLEXÃO



TEMPOS MODERNOS

Esse filme tem como cenário a fábrica e o processo de urbanização e industrialização. O personagem principal é um operário que retrata o dilema da classe trabalhadora e o enredo denuncia a exploração capitalista, numa linha de montagem taylorista-fordista. Apresenta também uma crítica à racionalização do tempo e ao aumento da produção que retrata a realidade das fábricas na primeira metade do século XX.



AS SUFRAGISTAS

O filme retrata uma das principais lutas das mulheres na conquista do sufrágio (voto), além de demonstrar as condições trabalhistas, as explorações e os assédios que as mulheres pobres passavam na Inglaterra no início do século XX.

Fonte da imagem: bit.ly/2ZchhsQ. Acesso em 03 mar. 2019.

Fonte da imagem: bit.ly/2Myo5j5. Acesso em 09/05/2019

2.

TRABALHO NO SENTIDO ONTO-HISTÓRICO



Neste capítulo abordaremos o significado e a importância do trabalho, vendo-o como alicerce de toda a atividade humana. A concepção deste como categoria central na formação do ser humano a partir dos escritos marxistas, permite a compreensão do seu sentido formativo, ontológico e supostamente educativo em uma perspectiva omnilateral.

Retomando as reflexões do capítulo anterior sobre o trabalho ao longo do tempo, podemos ressaltar sua abordagem como forma histórica de produção da existência humana, produtor de mercadorias, de reprodução e de acumulação de capital para os donos da fábrica e de trabalho como criação de produtos e de serviços destinados à vida familiar. Por este caminho buscamos ir para além de uma única concepção vigente de trabalho e perceber de forma crítica a sua formação limitada e alienante na sociedade capitalista, pois acreditamos que seja importante e necessário pensá-lo através de outras perspectivas.

2.1. O HOMEM COMO UM SER SOCIAL

O trabalho de Lukács *As Bases Ontológicas da Atividade e do Pensamento do Homem* (1978), deixa evidente que Marx teria, em última análise edificado uma teoria do gênero humano, retirando dos elementos do real uma nova **ontologia** através de uma perspectiva do materialismo dialético.

Na visão onto-histórica existem três esferas distintas que compõe o ser humano: a esfera inorgânica; a esfera natural e a esfera social. A primeira esfera caracteriza-se pelos elementos que nos compõe e que estão presentes na natureza (os minerais, a água, o ar); a esfera biológica refere-se as nossas necessidades e comportamentos naturais (o que nos faz ser seres vivos, assim como outros, a dizer, as bactérias, plantas, cuja essência é a reprodução de si mesmo, da vida); a esfera social particulariza-se pela produção do novo, o que é construído pelo homem (o trabalho, a educação, a linguagem e outros). As três esferas, por necessidade ontológica, são indissociáveis. Para Marx a base material é irremediável, pois “sem natureza, não pode haver ser social” (LESSA, 2015, p. 17).

Por meio dessa formulação, Lukács pretendia determinar a essência e a especificidade do ser social, em que associa os processos históricos de transfiguração da humanidade em saltos **ontológicos**. Esses só são realizados através das rupturas sociais. As rupturas se dão através da negação do precedente e com a afirmação do novo, do que se transforma. Logo, a produção do novo pela transformação da natureza, o trabalho, para atender as necessidades da existência humana é o que permite a transição entre os seres anteriores e o ser que se torna social. Essa passagem assume, então, a forma de um salto e todo salto ontológico significa uma mudança qualitativa e estrutural do ser.

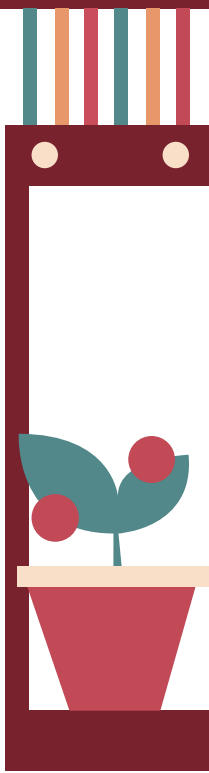
Compreende-se que o ser biológico através de um longo processo fez surgir, portanto, o homem como um ser social, mas o elo entre a base orgânica biológica e o ser social é o trabalho. Foi possível notar em Lessa (2015), conforme a exposição de Lukács, que ele caracterizou em quatro as categorias ontológicas fundantes do ser humano, a dizer, trabalho, reprodução, ideologia e alienação.

Iremos focar na categoria trabalho, pois, posiciona-se como primária na posição teleológica porque ela se materializa. Logo, essa categoria se apresenta como a protoforma do agir humano. As demais categorias dependem de uma existência social para se concretizar e, só posteriormente com a complexidade das relações sociais, elas ganham autonomia.

O trabalho então é a categoria fundante do ser social, porém, o ser social não se re-

Estudo filosófico sobre a natureza do ser e da existência e da própria realidade. Fonte: <https://www.significados.com.br/ontologia/> Acessado em: 10/05/2019

De acordo com Lessa (2015), Lukács define como os processos de transformação da composição de um ser para outro tipo de ser, quando, por exemplo, o ser biológico se transformou em um ser social, a partir da atividade de transformação da natureza, pelo trabalho.



duz a ele. Após atender às necessidades básicas, a busca pela vida plena de sentido está associada a uma forma de tomar consciência. Marx definiu a categoria trabalho como:

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. (...) A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida. (...) agindo sobre a natureza externa modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nele jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio. (...) pressupomos o trabalho numa forma em que ele diz respeito unicamente ao homem (MARX, 2017, p. 255).



Podemos perceber que ele apresenta o trabalho como especificidade humana e como elemento fundamental que nos diferencia dos demais animais, pois, diferente de outros animais que exercem o trabalho, o ser humano inicialmente idealiza o que gostaria de realizar, subordina à sua vontade, faz o uso das forças físicas e mentais para alcançar a finalidade do trabalho, produz ferramentas e esta o recria.

Entre essas ações o trabalho foi a atividade que distinguiu o ser humano dos demais animais, quando aquele passou a produzir os seus próprios meios de subsistência, que foi então a ação do homem sobre a natureza, quando deixou de ser voluntária e passou a ser consciente.

Quer dizer que o trabalho humano é para atender uma necessidade imediata carente a ele, seja qual for essa necessidade, ele vai buscar atendê-la através do labor, porém, antes dessa concretização, é idealizado da melhor maneira para ser feito, por isso a importância da consciência como guia da atividade. O produto surge, então, como a materialidade da representação do homem, como uma objetivação para atender suas carências e necessidades momentâneas ou futuras, criadas completamente com a consciência desse criador.

Consequentemente, o trabalho é um ato consciente, exige um conhecimento concreto, precisa de uma superação ideológica, pois vai se materializando, e o aperfeiçoamento do trabalho são as características ontológicas, os processos no qual o ser humano vai formando a si mesmo de forma mais complexa a cada processo superado.

É exatamente na delimitação materialista entre o ser da natureza orgânica e o ser social que seria atribuído à consciência um papel tão decisivo. Inclusive todas as possibilidades pensadas e cogitadas são mediadas por essa consciência exclusiva do ser humano. Logo, entre o ser da natureza orgânica e o ser social é exatamente ela que colabora como papel ativo nesse processo de transformação social.

Por maior que seja a limitação do trabalho ele consegue satisfazer o homem porque é este que o realiza, que é capaz de realizá-lo, não vem de uma força maior. O ser humano vai se construindo socialmente, diferenciando-se através do trabalho. Contudo, o trabalho não esgota a experiência humana, e para garantir a sobrevivência da nossa reprodução, ele necessita de outros complexos. Como por exemplo, a lingua-

gem, a educação, a cultura, a arte, a política, entre outros.

Para Lukács não há um traço de identidade sujeito-objeto. São, enquanto criador e criatura, entes ontologicamente distintos (LESSA, 2015, p. 26). Porque o próprio objeto é a ideia prévia objetivada. Posterior à criação do objeto, este sobrevive ao próprio criador. A reflexão sobre a ação gerou o germe do que depois seria a ciência. Consequentemente, a sociabilidade foi exigindo um desenvolvimento da própria ciência.

O produto, na perspectiva ontológica, é a objetivação do trabalho, o que gera identidade entre o indivíduo e o resultado do seu trabalho. No capitalismo, o produto tornou-se uma mercadoria que pertence ao capital, não expressa mais a individualidade do trabalhador, causa um estranhamento e ele não se reconhece no produto, nem conhece mais a totalidade do processo de formação desse produto.

Dessa forma, o capital acaba transformando o que seria humanização em alienação. Lessa (2015) entende alienação como uma negação social do ser humano. A essência da alienação é quando o homem não mais reconhece o que criou. O trabalho deixou de ser uma satisfação para ser um meio para satisfazer as necessidades. Foi a partir dessa estrutura que Lukács afirmou que a função do trabalho não conseguiu se tornar mais como um princípio de desenvolvimento.

A divisão social do trabalho impediu o investimento no desenvolvimento da totalidade dos seres humanos. No sistema do capital – uma classe beneficia a outra. Parte do produto é incorporada ao capital em forma de lucro. Quanto mais produz, menos consome e mais submetido fica ao sistema capitalista. A riqueza produzida por meio do trabalho não pode ser usufruída por todos. Como podemos observar, para Marx (2010), o processo de alienação do capital surge da seguinte maneira:

(...) a divisão do trabalho torna-o cada vez mais unilateral e dependente, assim como acarreta a concorrência não só dos homens, mas também entre as máquinas. Posto que o trabalhador baixou à máquina, a máquina pode enfrentá-lo como concorrente. (...) A apropriação do objeto se dá pelo estranhamento (ele não é o que é o produto do seu trabalho). P.81 O trabalhador acaba se tornando servo de seu objeto. P.82 O estranhamento se dá não só pelo produto, mas também pelo próprio ato de produção O trabalho torna-se alienante e exteriorizado. Pertence a outro, é a perda de si mesmo. “(...) o estranhamento- de –si. (...) o estranhamento da coisa (MARX, 2010, p. 83).

No modo de produção capitalista industrial, para Marx (2010), a apropriação do objeto se dá pelo estranhamento, o trabalhador acaba tornando-se servo de seu objeto. Esse estranhamento se dá pelo produto, mas também pelo próprio ato de produção, pois todo esse processo e o próprio produto pertencem a outro. Os danos do trabalho estranhado torna um ser estranho a ele. Consequentemente, esse mesmo trabalho que se torna martírio para uns, em contrapartida, para outros, é transformado em fruição. Logo, ele define a propriedade privada como o produto, o resultado e a consequência necessária do trabalhador exteriorizado, da relação externa do trabalhador com a natureza e consigo mesmo (2010, p. 87).



2.2. EM BUSCA DO SENTIDO DO TRABALHO



Disponível em:
< <https://medium.com/@renatodoho/toda-mafalda-quino-662cadd8c265> >.
Acesso em:
03 mar. 2019.

Qual o sentido do trabalho? Como ele se apresenta na realidade para os trabalhadores? Seu sentido é contraditório, dialético e paradoxo. Ele se mostra emancipador, humanizador e que liberta o homem, porém, ao mesmo tempo na estrutura do capital, ele é alienante, explorador e escravizador.

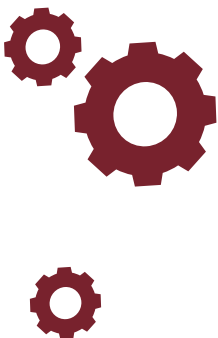
Até que ponto se trabalha com máquinas ou como máquinas? Os trabalhadores estão a serviço dos proprietários, são as próprias concorrências entre os trabalhadores que ditam os preços altos e baixos. Quanto mais precária a situação de trabalho, menos os trabalhadores são pagos. Porém, mesmo em situações precárias, estar empregado pode ser considerado uma felicidade.

Ricardo Antunes (2009) propõe defender a nova configuração da classe trabalhadora. Para ele o trabalho continua como centralidade e estruturante na formação do ser humano, porém, em um novo formato. O trabalho tem sua importância na realização do ser social, mas como ele se apresenta no sistema vigente não permite essa libertação e transformação, pois é assalariado e estranhado.

A lógica societal do capital valoriza a produção de mercadorias para a valorização do capital, produzindo, muitas vezes, mercadorias desnecessárias à humanidade. O sistema do capital tem uma ação destrutiva contra a força humana, através do prolongamento da jornada de trabalho e o processo de degradação do meio ambiente. Além disso, destrói valores qualitativos, a importância do ter sobrepõe-se ao ser. O ideal seria buscar uma forma de atender as efetivas necessidades humanas e sociais, e que o trabalho se torne sinônimo de atividade livre, baseada no tempo disponível.

O homem produz de forma consciente, e o trabalho como fundante do ser humano foi o que atendeu às suas necessidades que foram surgindo ao longo do tempo histórico, porém, a luta dos seres humanos é abreviar o tempo de labor para gerar tempo livre, tempo de liberdade, de escolha, tempo criativo e genuinamente humano. É desta dimensão ontológica que Marx aponta o trabalho como um princípio educativo.

Trata-se de um pressuposto ético-político de que todos os seres humanos são da natureza e, portanto, têm a necessidade de alimentar-se, proteger-se das intempéries e criar seus meios de vida. Socializar, desde a infância, o princípio de que a tarefa de prover a subsistência, pelo trabalho, é comum a todos os seres humanos, é fundamental para não criar indivíduos, ou grupos, que explorem e vivam do trabalho dos outros – na expressão de Antônio Gramsci, para não criar mamíferos de luxo (FRIGOTTO e CIAVATTA, 2014, p. 62).



POESIA EM ANÁLISE

O OPERÁRIO EM CONSTRUÇÃO

Era ele que erguia casas
Onde antes só havia chão.
Como um pássaro sem asas
Ele subia com as casas
Que lhe brotavam da mão.
Mas tudo desconhecia
De sua grande missão:
Não sabia, por exemplo
Que a casa de um homem é um templo
Um templo sem religião
Como tampouco sabia
Que a casa que ele fazia
Sendo a sua liberdade
Era a sua escravidão.

De fato, como podia
Um operário em construção
Compreender por que um tijolo
Valia mais do que um pão?
Tijolos ele empilhava
Com pá, cimento e esquadria
Quanto ao pão, ele o comia...
Mas fosse comer tijolo!
E assim o operário ia
Com suor e com cimento
Erguendo uma casa aqui
Adiante um apartamento
Além uma igreja, à frente
Um quartel e uma prisão:
Prisão de que sofreria
Não fosse, eventualmente
Um operário em construção.

Mas ele desconhecia
Esse fato extraordinário:
Que o operário faz a coisa
E a coisa faz o operário.
De forma que, certo dia
À mesa, ao cortar o pão
O operário foi tomado
De uma súbita emoção
Ao constatar assombrado
Que tudo naquela mesa
- Garrafa, prato, facão -
Era ele quem os fazia
Ele, um humilde operário,
Um operário em construção.
Olhou em torno: gamela
Banco, enxerga, caldeirão
Vidro, parede, janela
Casa, cidade, nação!
Tudo, tudo o que existia
Era ele quem o fazia
Ele, um humilde operário
Um operário que sabia
Exercer a profissão.

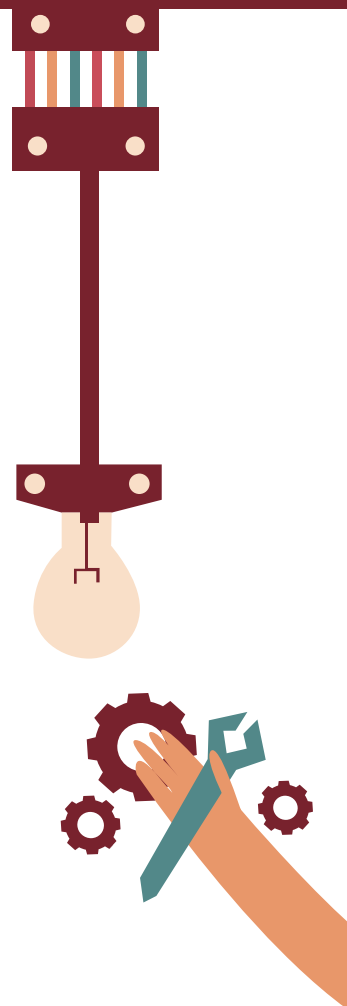
Ah, homens de pensamento
Não sabereis nunca o quanto
Aquele humilde operário
Soube naquele momento!
Naquela casa vazia
Que ele mesmo levantara
Um mundo novo nascia
De que sequer suspeitava.
O operário emocionado
Olhou sua própria mão
Sua rude mão de operário
De operário em construção
E olhando bem para ela
Teve um segundo a impressão
De que não havia no mundo
Coisa que fosse mais bela.

Foi dentro da compreensão
Desse instante solitário
Que, tal sua construção
Cresceu também o operário.
Cresceu em alto e profundo
Em largo e no coração
E como tudo que cresce
Ele não cresceu em vão
Pois além do que sabia
- Exercer a profissão -
O operário adquiriu
Uma nova dimensão:
A dimensão da poesia.

E um fato novo se viu
Que a todos admirava:
O que o operário dizia
Outro operário escutava.

E foi assim que o operário
Do edifício em construção
Que sempre dizia sim
Começou a dizer não.
E aprendeu a notar coisas
A que não dava atenção:

Notou que sua marmita
Era o prato do patrão
Que sua cerveja preta
Era o uísque do patrão
Que seu macacão de zuarte
Era o terno do patrão
Que o casebre onde morava
Era a mansão do patrão
Que seus dois pés andarilhos
Eram as rodas do patrão
Que a dureza do seu dia
Era a noite do patrão





Que sua imensa fadiga
Era amiga do patrão.

E o operário disse: Não!
E o operário fez-se forte
Na sua resolução.

Como era de se esperar
As bocas da delação
Começaram a dizer coisas
Aos ouvidos do patrão.
Mas o patrão não queria
Nenhuma preocupação
- "Convençam-no" do contrário -
Disse ele sobre o operário
E ao dizer isso sorria.

Dia seguinte, o operário
Ao sair da construção
Viu-se súbito cercado
Dos homens da delação
E sofreu, por destino
Sua primeira agressão.
Teve seu rosto cuspid
Teve seu braço quebrado
Mas quando foi perguntado
O operário disse: Não!

Em vão sofrera o operário
Sua primeira agressão
Muitas outras se seguiram
Muitas outras seguirão.
Porém, por imprescindível
Ao edifício em construção
Seu trabalho prosseguia
E todo o seu sofrimento
Misturava-se ao cimento
Da construção que crescia.

Sentindo que a violência
Não dobraria o operário
Um dia tentou o patrão
Dobrá-lo de modo vário.
De sorte que o foi levando
Ao alto da construção
E num momento de tempo
Mostrou-lhe toda a região
E apontando-a ao operário
Fez-lhe esta declaração:
- Dar-te-ei todo esse poder
E a sua satisfação
Porque a mim me foi entregue
E dou-o a quem bem quiser.
Dou-te tempo de lazer

Dou-te tempo de mulher.
Portanto, tudo o que vês
Será teu se me adorares
E, ainda mais, se abandonares
O que te faz dizer não.

Disse, e fitou o operário
Que olhava e que refletia
Mas o que via o operário
O patrão nunca veria.
O operário via as casas
E dentro das estruturas
Via coisas, objetos
Produtos, manufaturas.
Via tudo o que fazia
O lucro do seu patrão
E em cada coisa que via
Misteriosamente havia
A marca de sua mão.
E o operário disse: Não!

- Loucura! - gritou o patrão
Não vês o que te dou eu?
- Mentira! - disse o operário
Não podes dar-me o que é meu.

E um grande silêncio fez-se
Dentro do seu coração
Um silêncio de martírios
Um silêncio de prisão.
Um silêncio povoado
De pedidos de perdão
Um silêncio apavorado
Com o medo em solidão.

Um silêncio de torturas
E gritos de maldição
Um silêncio de fraturas
A se arrastarem no chão.
E o operário ouviu a voz
De todos os seus irmãos
Os seus irmãos que morreram
Por outros que viverão.
Uma esperança sincera
Cresceu no seu coração
E dentro da tarde mansa
Agigantou-se a razão
De um homem pobre e esquecido
Razão porém que fizera
Em operário construído
O operário em construção.

VINÍCIUS DE MORAES (1913-1980)
POETA E COMPOSITOR BRASILEIRO.

O professor pode através dessa poesia destacar a importância social do trabalhador manual, destacando a falta de consciência política, de classe e do próprio desconhecimento de sua força enquanto sujeito histórico ativo.

Poesia O
OPERÁRIO EM
CONSTRUÇÃO
(1959) Disponível
em: < <http://www.viniciusdemoraes.com.br/pt-br/poesia/poesias-avulsas/o-operario-em-construcao> >. 03
mar. 2019.

Através da imagem abaixo, pode ser feita a reflexão com os estudantes sobre o trabalho como elemento fundante na formação do ser social. Perceber que essa atividade de transformação da natureza ao produzir algo novo, recriava a humanidade. Como exemplo o professor pode destacar alguns objetos criados, ao longo do tempo histórico, pelo homem e quais as transformações ocasionadas no modo de viver da humanidade através desses objetos. Exemplo: pedra lascada e polida, flecha, roda, computador, celular entre outros.



SU
GES
TÃO
DE ATIVIDADE

MÚSICA PARA PENSAR

MÚSICA DE TRABALHO

Sem trabalho eu não sou nada
 Não tenho dignidade
 Não sinto o meu valor
 Não tenho identidade

Mas o que eu tenho
 É só um emprego
 E um salário miserável
 Eu tenho o meu ofício
 Que me cansa de verdade

Tem gente que não tem nada
 E outros que tem mais do que
 precisam
 Tem gente que não quer saber de
 trabalhar

Mas quando chega o fim do dia
 Eu só penso em descansar
 E voltar pra casa pros teus braços

Quem sabe esquecer um pouco
 De todo o meu cansaço
 Nossa vida não é boa
 E nem podemos reclamar

Sei que existe injustiça
 Eu sei o que acontece
 Tenho medo da polícia
 Eu sei o que acontece

Se você não segue as ordens
 Se você não obedece
 E não suporta o sofrimento
 Está destinado a miséria

Mas isso eu não aceito
 Eu sei o que acontece
 Mas isso eu não aceito
 Eu sei o que acontece

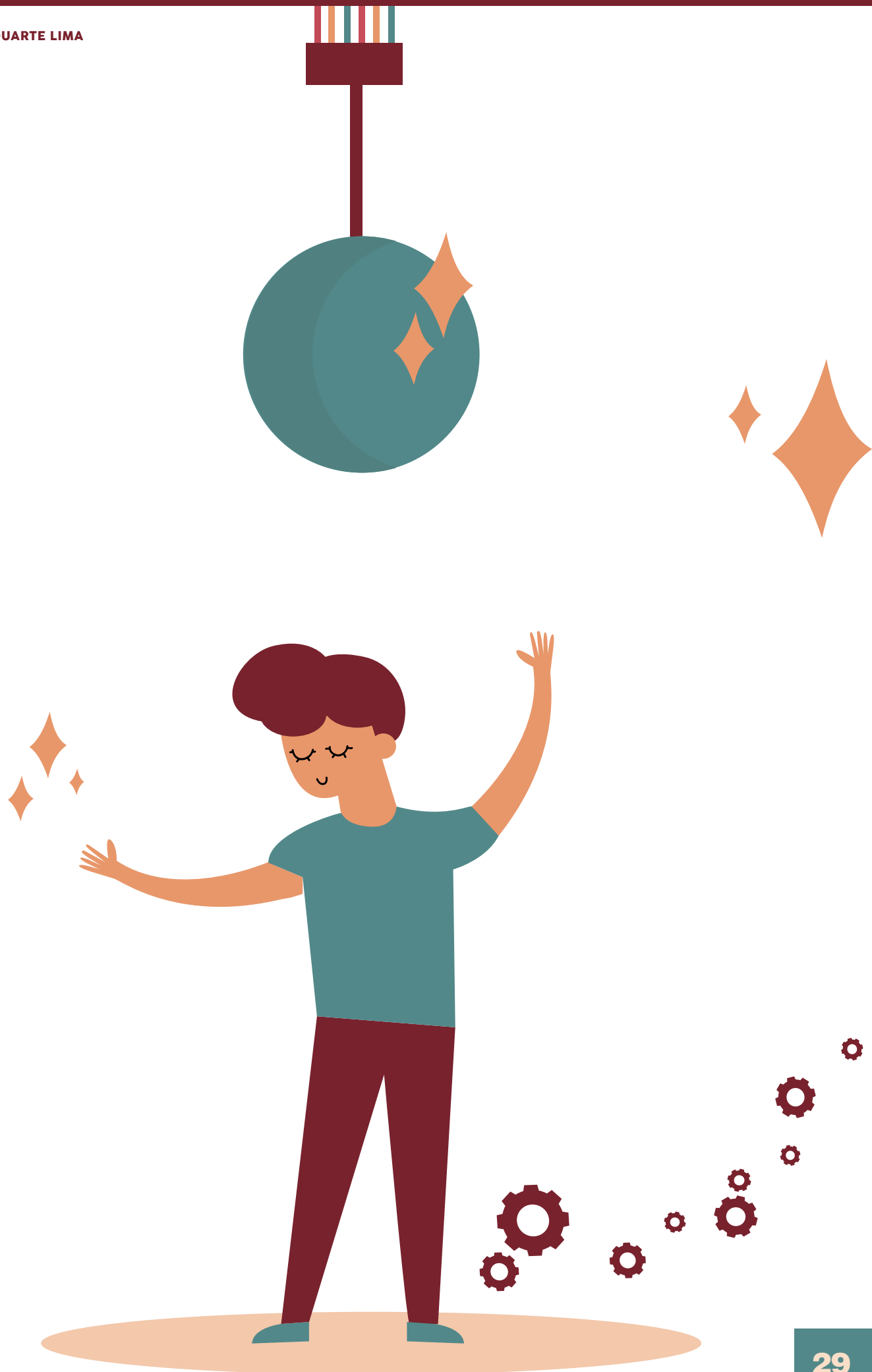
E quando chega o fim do dia
 Eu só penso em descansar
 E voltar pra casa pros teus braços

Quem sabe esquecer um pouco
 Do pouco que não temos
 Quem sabe esquecer um pouco
 De tudo que não sabemos

LEGIÃO URBANA (GRUPO MUSICAL DE ROCK)

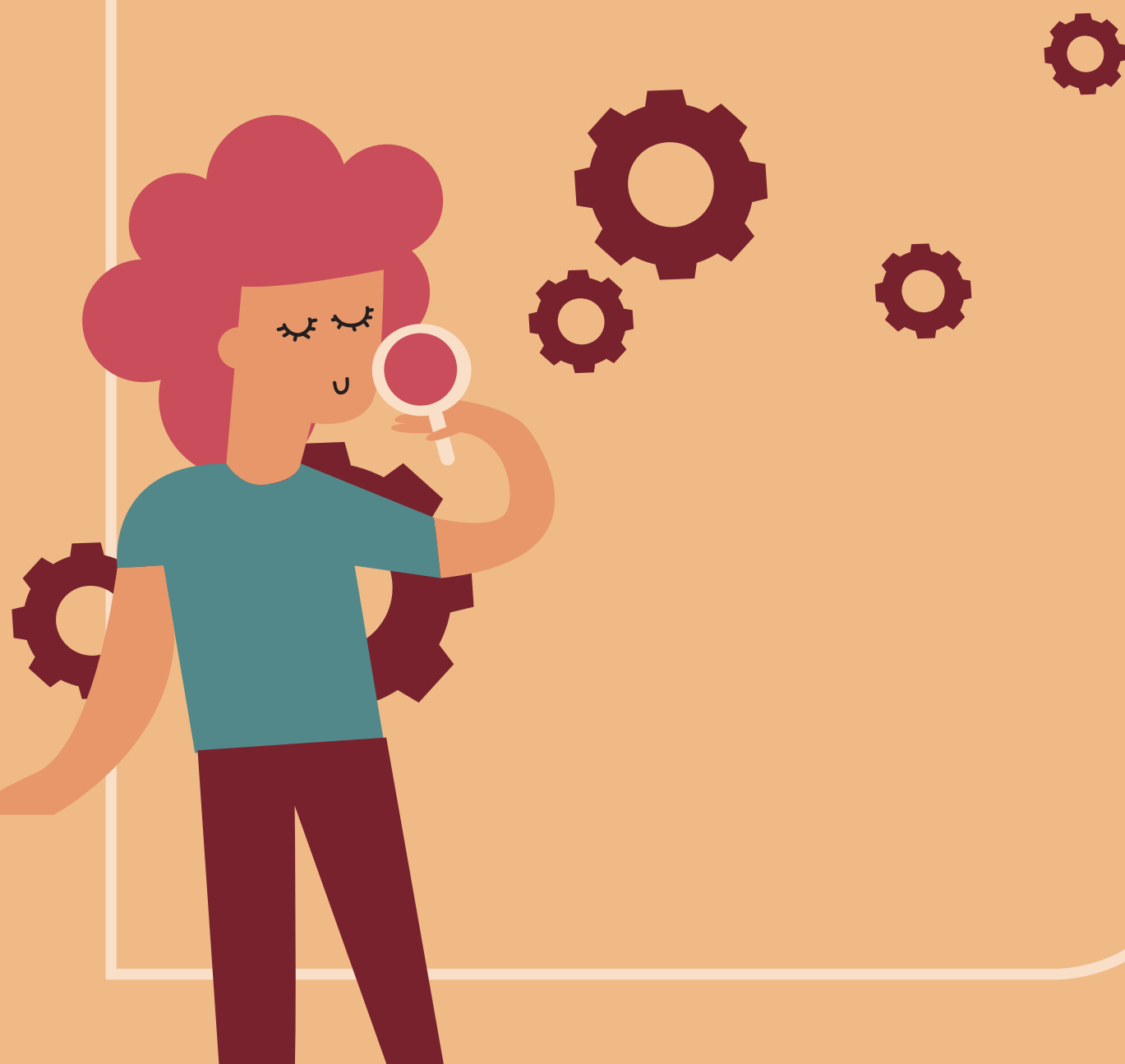
Através dessa música o professor pode comparar o conceito de trabalho e de emprego fazendo suas devidas distinções e ao mesmo tempo refletir o motivo do uso atual das duas palavras como sinônimas. Pode direcionar a turma com os seguintes questionamentos:

- A) Qual a relação do trabalho com a identidade do ser?
- B) De acordo com a sua opinião no trecho "o que eu tenho é só um emprego" qual a reflexão que o compositor buscou representar?
- C) Destaque trechos da música que destacam a percepção da existência da desigualdade social.
- D) De acordo com a música, qual o principal desejo do trabalhador em sua rotina cansativa?
- E) A música mostra a consciência do trabalhador sobre as injustiças sociais, porém alguns empecilhos não permite uma ação para mudar essa realidade, quais são eles?



3.

AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOECONÔMICAS E O AVANÇO DO CAPITALISMO



Neste capítulo iremos abordar as transformações ocasionadas pelo avanço do capitalismo através de uma visão histórica sobre o século XX. Dessa maneira iremos compreender que foi nesse período que se construiu o alicerce da globalização econômica e da nova organização do trabalho mundial que ditou a estrutura socioeconômica do século atual (século XXI) ocasionando grandes mudanças, causando impactos na vida dos trabalhadores, o principal objetivo de análise dessa cartilha.

O século XX econômico tem início na década final do século XIX:

(...) quando o capitalismo manchesteriano de meados daquele século entra em sua fase madura de industrialização e de incorporação de um novo fluxo de inovações tecnológicas no quadro da segunda revolução industrial (não mais marcada pela máquina a vapor, mas pela eletricidade, pelo motor a explosão e pela química). É a fase de formação de trustes e cartéis, moderadamente controlados por leis de defesa da concorrência, da passagem do laissez faire doutrinal para o protecionismo comercial e o nacionalismo econômico, com a prática agressiva de tarifas diferenciadas e o desenvolvimento de zonas geográficas de exclusão (as preferências imperiais do apogeu do colonialismo europeu), ainda que esses processos restritivos tenham sido contrabalançados por uma liberalização inédita no que respeita os fluxos de pessoas (imigrações transcontinentais) e os movimentos de capitais (unificados sob o regime do padrão ouro) (ALMEIDA, 2001).



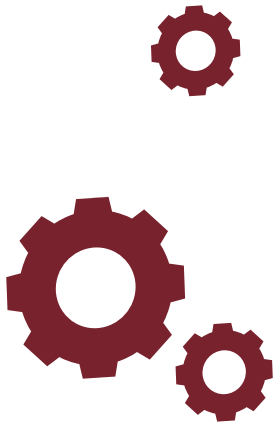
A disputa cresceu entre **trustes** e **cartéis** de potências europeias, e tinham como objetivo principal a obtenção de lucros através do controle dos preços e da limitação da concorrência. O monopólio industrial foi substituído pelo monopólio bancário. Esse novo sistema de crédito foi essencial para a centralização dos capitais. Surgiu a necessidade de missão exploratória do capitalismo monopolista caracterizado pelo imperialismo que buscava controlar as fontes de matéria-prima e encontrar o mercado para os artigos e investimento do capital excedente nos países ditos “atrasados” (no continente asiático e africano).

A tendência à expansão que a economia capitalista abriga em seu bojo requeria que cada uma das potências só conseguisse expandir-se à custa da outra, isto é, sob a forma de choque militar direto. Em outras palavras, o século XX se abria sob a égide da luta interimperialista, marca da nova fase histórica do capitalismo, característica que, de uma ou outra forma, estender-se-á ao longo de todo o século. A ponto de que, quem quiser calar-se sobre o fenômeno do imperialismo, deverá calar-se sobre o século XX (SADER, 2000, p. 23).

O século XX foi apontado como o mais terrível e o mais violento da história da humanidade, pois foi marcado pelas duas grandes guerras mundiais. A primeira grande guerra (1914-1918) teve como principal razão as disputas entre as maiores nações europeias imperialistas (Grã-Bretanha, França e Alemanha). A segunda guerra (1939 -1945)

Truste é a aliança de várias empresas criando um monopólio com o intuito de dominar determinada oferta de produtos e/ou serviços.

Cartéis são acordos entre empresas concorrentes para fixação de preços ou cotas de produção para eliminar a concorrência e aumentar os preços dos produtos sem prejudicar na obtenção dos lucros.



foi em decorrência dos resquícios da primeira guerra com o Tratado de Versalhes, que atribuiu toda a responsabilidade da guerra à nação alemã que nutriu um sentimento de revanchismo e também pela expansão das nascentes potências imperiais (Japão e Itália).

O século XX também foi marcado por crises econômicas, declínio da economia liberal, avanços e recuos do fascismo e regimes autoritários. A lógica do desenvolvimento burguês trouxe sua própria destruição devido à inserção da massa no cenário político e principalmente através do consumo. O que antes predominava como hegemonia política, econômica, social e cultural na burguesia europeia foi perdendo espaço para um novo cenário pelos EUA. Foi o declínio do poderio europeu do Velho Mundo para o Novo Mundo.

A crise econômica de 1929 também causou impacto nos valores e instituições da civilização liberal e evidenciou a crise do capital. A Grande Depressão só piorou as relações entre colônias e impérios. Os impérios foram ruindo, no fim da década de 1950 o colonialismo foi praticamente liquidado. O comunismo marxista, o capitalismo com medidas sociais e o fascismo apresentaram-se como alternativas possíveis para superar a crise.

A globalização da economia estagnou no período entre as guerras mundiais, pois cada Estado buscou proteger suas economias das ameaças externas. Houve um colapso no sistema monetário, uma queda dos preços dos produtos primários, a demanda não acompanhava a capacidade de produção, o preço da matéria-prima entrava em queda livre, uma grande taxa de desemprego e a seguridade social praticamente não existia.

O colapso dos velhos regimes deu força e domínio para o florescimento do fascismo e do nazismo (Itália e Alemanha). Os movimentos fascistas queriam a transformação fundamental da sociedade, mas era um velho regime revitalizado. Continuou uma economia capitalista liberal, porém com fortes intervenções estatais com uma grande dinamização industrial. Esses governos autocráticos foram calcados nos interesses das velhas classes dominantes, que surgiram como defesa contra agitação revolucionária da esquerda com um programa voltado para o alcance e manipulação das massas.

Após a Revolução socialista de 1917, outro modelo foi apresentado como alternativo ao capitalismo, o socialismo soviético. Teoricamente fundamentado nas ideias do socialismo científico, na prática, principalmente sob o comando de Stálin, tornou-se uma ditadura do Partido Comunista soviético e apresentou-se um governo antidemocrático, inflexível, opressor e autoritário. Houve uma expansão desse regime político para os demais continentes. O socialismo atraiu muitos países que passaram pelo processo de descolonização anti-imperialista, pois eles buscavam livrar-se do domínio estrangeiro imbuído pelas ideias de esquerda.

Foi também um século marcado pela bipolarização mundial na Guerra Fria (1945-1991) em um período de tensão pela possibilidade de um possível confronto nuclear pela zona de influência socialista soviética e capitalista norte-americana. As duas potências (EUA e URSS) coexistiam e evitavam o conflito direto. A corrida armamentista favoreceu a construção de um complexo industrial militar e também um meio para armar aliados e clientes. Houve o envolvimento das duas potências em três guerras: Coreia, Vietnã e Afeganistão. As maiores tensões foram durante a crise dos mísseis através das relações públicas presidenciais. A guerra finalizou após a desintegração da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Na década de 1980, a URSS foi perdendo apoio e poder na Europa. A economia

em declínio já apontava a mudança política na Rússia, Gorbachev deu fim à Guerra Fria, adotando duas políticas: a perestroika, que buscava uma reestruturação da economia; e a glasnost, que buscavam a liberdade de informação em seu país. Foi um grande obstáculo superar o socialismo soviético, separou-se partido de Estado, acabou-se com o unipartidarismo e adotou a legalização de empresas privadas, dessa forma buscavam uma economia dupla estatal (HOBSEAWM, 1995, p. 467).

A combinação dessas duas políticas adotadas ocasionou o colapso da Rússia. O nacionalismo dos estados bálticos junto a essas mudanças desintegrou a economia e a política da URSS. Foi seu fim como potência internacional em 1989, em que houve sua desintegração da autoridade central, crise política e territorial.

O século XX demonstrou a ruína do socialismo real e do laissez faire. O fracasso da política de liberalização continuou sem sustentação devido à ausência de ameaça política e pela globalização. As principais características do panorama global político foi o enfraquecimento do estado-nação, o avanço da tecnologia e o controle dos cidadãos pelo Estado. Os governos neoliberais passaram a ser obrigados a administrar suas economias e as altas taxas pesadas, logo, era um regime neoliberal de fachada com conservadorismo fiscal e monetarismo, com o punho nacionalista. A economia tornou-se global e as autoridades de poderes responsáveis pelas principais decisões tornaram-se as agências internacionais, FMI, Banco Mundial e outros, através da imposição dos países ricos aos pobres.

Esse é o tipo de imperialismo que domina o mundo no começo do novo século: um bloco de potências que foram colonialistas e se transformaram em imperialistas, coordenado pelo chamado grupo dos 7 (EUA, Canadá, Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Japão), uma espécie de governo mundial, apoiado no FMI, no Banco Mundial e no Tesouro norte-americano, como formas de ministério da guerra. Sua ideologia é o neoliberalismo, sua força de propaganda reside no supermonopólio dos meios de comunicação exercido pelos EUA no mundo (SADER, 2000, p. 136).

O capitalismo pós-guerra foi marcado pelo liberalismo e democracia social com planejamento econômico. A década de 1960 foi também a da economia transnacional com três aspectos importantes: as empresas transnacionais, a nova divisão internacional do trabalho e o aumento do financiamento externo (HOBSEAWM, 1995, p. 272). O que possibilitou o crescimento econômico, o avanço das multinacionais, a concentração de capitais, ocasionando a emancipação do tradicional Estado-nação à medida que crescia a produção industrial nos países da América.

A nova divisão internacional do trabalho e a linha de produção global, como exemplifica Hobsbawm (1995), estruturava-se de tal maneira:

Grandes fabricantes de produtos eletrônicos começaram a globalizar-se a partir de meados da década de 1960. A linha de produção cruzava agora não hangares gigantescos num único local, mas o globo. Algumas delas paravam nas extraterritoriais “zonas francas” ou fábricas offshore, que agora começavam a espalhar-se, esmagadoramente pelos países pobres com mão de obra barata, e sobretudo feminina e jovem, outro novo artifício para escapar ao controle de um só Estado. (HOBSEAWM 1995, p. 275)



Alguns países passaram por um processo de desindustrialização, surgiram redes de empresa e houve um declínio considerável da classe operária. Houve queda demográfica dos países da Europa e crescimento dos países do terceiro mundo. Com a nova divisão internacional do trabalho as empresas do Velho Mundo passaram a atuar no Novo Mundo.

Na segunda metade do século XX houve o crescimento demográfico devido ao aumento da expectativa de vida, da produção de alimento em massa e da expansão do mundo industrial. A poluição e a deterioração ecológica são consequências dessas explosões demográficas e de produção. Essa destruição e desequilíbrio do meio ambiente possibilitou construir uma nova consciência ecológica.

O mercado que antes era privilégio para minoria tornou-se mais barato para o consumo pelas massas, através de objetos que proporcionam conforto e facilidade como rádio, televisão, computadores, alguns desses produtos criados durante a guerra agora poderiam ser utilizados pelos civis em novos hábitos de vida.

A novidade era o principal recurso de venda para tudo. A portabilidade dos produtos, os altos investimentos na ciência e na tecnologia marcou a chamada era de ouro que foi onde houve mais investimento, menos trabalhadores e mais consumidores. Esse período foi estabelecido pela rapidez, universalidade, mudança, transformação tecnológica e inovação cultural. Uma dessas mudanças foi a queda brusca na população agrícola devido ao progresso tecnológico agrícola com a agricultura mecanizada, química agrícola, criação seletiva e biotecnologia, o que levou a um intenso e significativo êxodo rural. Consequentemente o crescimento urbano ocasionou uma revolução nos transportes públicos e na comunicação.

A educação como base para afirmação e reprodução do discurso dominante deveria acompanhar as mudanças e ser coerente com a lógica do capital que entra em contradição com a **valorização humana**, pois só visa atender às necessidades vigentes do próprio sistema. De acordo com Saviani e Duarte (2012), as práticas pedagógicas que visam o desenvolvimento das habilidades não colaboram com o processo da emancipação do educando, e sim reforça os valores individualistas. Essas práticas são denominadas pelo autor como neopragmáticas.

As propostas que buscam inovar a educação através das teorias e perspectivas para obter melhores resultados nas instituições educacionais ou até mesmo para buscar um certo conceito de qualidade educacional não estão associadas à uma educação completa e íntegra, que potencializa o ser humano, desenvolvendo suas diversas habilidades, dimensões dos saberes e percepções, do seu lado cultural, político, científico-tecnológico, intelectual e físico, mas sim às necessidades do lucro do capital. Assim foi o caso da década de 1990, onde as linhas traçadas pela UNESCO, para orientação da educação mundial como meio de atender às transformações do mundo, foi por via de despertar a curiosidade intelectual e o gosto do aprender a aprender (SAVIANI, 2013, p. 433).

Por mais que se defenda a autonomia nessa teoria que se diz emancipadora, o que ocorre é uma adaptabilidade a uma constante atualização exigida pelo modelo mercadológico. Desvaloriza a plena democratização do acesso ao saber, produzido pela humanidade ao considerar mais importante o processo da aprendizagem de modo individual, o ensino por competências. É importante conside-

Valorização humana é um termo do senso comum, que na lógica do capital tem um sentido reificante do valor da mercadoria humana, de suas competências. A desvalorização do mundo humano aumenta em proporção direta com a valorização do mundo das coisas.

rar que o sistema do capital reduz ao mínimo às necessidades do trabalhador e entre elas a necessidade do conhecimento. A sociedade capitalista transformou o saber em meio de produção, onde se passa por um domínio cultural que a escola viabiliza e desse modo, se produz de forma sistemática o conhecimento.

A própria educação forma para isso, para o sucesso profissional individual, muitas vezes, desinteressado ou sem compromisso com as questões sociais. Como se os saberes tivessem distantes das transformações da realidade em que vivem, como ressalta Moreira (2010):

[...] entendemos que a política de qualidade total proposta pelo Banco Mundial é um conjunto de programas centrados no enfoque liberal e, portanto, relacionados com a reestruturação do capitalismo globalizado. Sua lógica é ajustar a educação e a formação técnico-profissional aos conceitos de sentido, as orientações organizacionais têm como eixo norteador a adaptação e a conformação do trabalhador da educação, no plano psicofísico, intelectual e emocional, às novas bases materiais tecno-organizacionais da produção capitalista (2010, p. 149).

Até mesmo a ciência desenvolvida no processo de modernização e construção do sistema capitalista foi baseada em uma concepção utilitarista e egoísta do ser humano, totalmente separada da visão humanística da produção. De acordo com Moreira (2010, p. 148) para os economistas do Banco Mundial, a educação de qualidade total resume-se a um insumo que possibilita aos indivíduos realizarem-se a si mesmos.

A economia mundial da década de 1970 e 1980 sofreu a revolução tecnológica, globalização e transnacionalização (HOBBSAWM, 1995, p. 402). As tecnologias permitiram o avanço e a capacidade de ampliação do alcance de muitas ciências. As inovações teóricas e descobertas que revolucionaram foram várias: fissão nuclear, computador, estrutura do DNA, laser, biotecnologia, bomba nuclear, cosmologia, átomo e outras partículas, Universo em expansão, bomba de hidrogênio, código genético, dupla hélice DNA, etc.

Como os cientistas eram bancados pelo Estado precisavam voltar às suas pesquisas para praticidade. De acordo com Hobsbawm (1995, p. 536) os governos não estavam interessados na verdade última, mas na verdade instrumental, por isso os altíssimos investimentos nas ciências naturais. As novas teorias e ideias lançadas como o Princípio da incerteza; a antimatéria; princípio da complementaridade; Teoria do Caos acabou entrando em convulsão com o velho mundo.

MÚSICA PARA PENSAR

A NOVIDADE

Música:
A NOVIDADE,
composta no ano de
1986. Disponível
em: < http://www.gilbertogil.com.br/sec_disco_info.php?id=377&letra
>. Acesso em 03
mar. 2019.

A novidade veio dar a praia
Na qualidade rara de sereia
Metade o busto de uma deusa maia
Metade um grande rabo de baleia
A novidade era o máximo
Um paradoxo estendido na areia
Alguns a desejar seus beijos de deusa
Outros a desejar seu rabo pra ceia
Oh mundo tão desigual
Tudo é tão desigual
De um lado esse carnaval
Do outro a fome total
E a novidade que seria um sonho
O milagre risonho da sereia
Virava um pesadelo tão medonho
Ali naquela praia, ali na areia
A novidade era a guerra
Entre o feliz poeta e o esfomeado
Estraçalhando uma sereia bonita
Despedaçando o sonho pra cada lado.

GILBERTO GIL (1986)
MÚSICO E COMPOSITOR BRASILEIRO

A música pode ser utilizada em sala para gerar reflexões com os estudantes sobre a importância dada à inovação, a busca incessante pelo novo, pelo consumo exacerbado e perceber até que ponto gerou problemas na história da humanidade.



3.1. OS SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO SÉCULO XX.

A industrialização colaborou com as atividades econômicas através do processo de pesquisa científica, desenvolvimento tecnológico e inovações industriais, o que levou a um processo de especializações como a siderurgia, a metalurgia, a química e as telecomunicações.

O avanço tecnológico permitiu a expansão do transporte e da comunicação, consequentemente os produtos vão começar a ser feitos em grande escala para alcançar, então, essa massa que já tem acesso a grande parte das novas tecnologias e das inovações industriais. A organização do trabalho se volta para alcançar uma nova demanda de um mercado consumidor em grande escala. Dessa forma reduziu-se o tempo de produção e acelerou a produção em grande escala, porém, diminuiu seu custo para poder vender o produto em alta escala e de forma mais barata para alcançar mais consumidores.

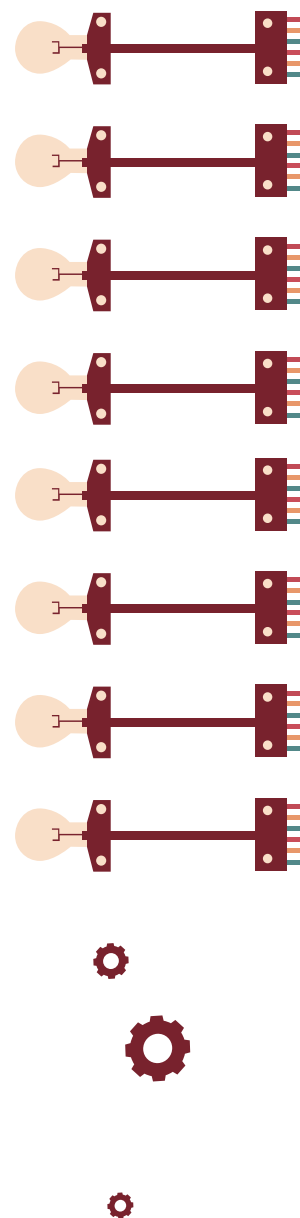
Mediante a isso ocorre uma desvalorização do trabalho humano, através da sua precarização. Para que o produto saia mais barato e em maior escala, esse custo consequentemente não sairia do lucro do empresário, mas do próprio pagamento do operário, com corte de benefícios ou com a flexibilização no meio dessa contratação.

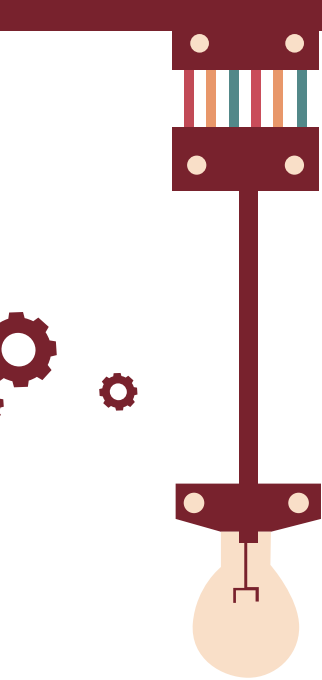
Diante dessas evoluções técnicas de produção vão existir vários projetos e ideias para que essa atividade de trabalho seja mecanizada inclusive, passou-se a consolidar como área de conhecimento a própria organização do trabalho que, a ser sistematizado e experimentado, passou a ser visto de forma científica, por isso que surge a ideia de uma administração buscando o aumento da produtividade e de lucros aperfeiçoando a qualidade e diminuindo o tempo, surge então Frederick Taylor.

Wilson Taylor foi um jovem estadunidense que abandonou os estudos porque era um operário aprendiz em uma fábrica metalúrgica e percebeu que a capacidade produtiva de um trabalhador de experiência média era sempre maior que a sua produção real na empresa, quer dizer, ele acreditava que seria possível aumentar a produtividade reduzindo a perda de tempo. Ele não foi um inovador no aspecto de organização do trabalho, mas sim na sistematização desse conhecimento, tornando-o científico. Ele sistematizou esse conhecimento, considerando o pai da administração científica, pois ele trouxe aplicações simples, teóricas, porém, universais para a organização do trabalho industrial.

De acordo com Pinto (2013), o problema é que ele desenvolveu algo que tirou o macete dos trabalhadores, que é justamente essa queima do tempo, porque é um tempo de trabalho expressivamente cansativo. Consequentemente quando ele traz essa proposta para o dono da indústria, e esse dono da indústria vai começar a observar como as coisas funcionam, ele vai entender que o aumento dessa produtividade também colaborou no aumento do lucro para a empresa.

A ideia, então, foi fazer a subdivisão de diferentes atividades em tarefas simples. Em vez de uma pessoa resolver várias tarefas, agora várias pessoas resolveriam atividades simples, o que agilizava a praticidade da produção. Então foi possível uma divisão técnica do trabalho humano dentro da produção industrial no ramo metalúrgico no ambiente onde ele trabalhava.





Era necessário fazer de tudo para que o funcionário não acumulasse habilidades ou conhecimento necessário para resolver determinados problemas na produção. Logo a gerência torna-se a cabeça pensante administrando todo o processo, e os demais tinham suas ações especializadas e simples.

Dessa forma, não seria necessário que o funcionário tivesse o conhecimento de tudo. Quando se faz essa divisão do trabalho pode-se empregar e desempregar qualquer pessoa, porque são funções simples que qualquer um pode executar, pois grande parte da produção é feita pelo maquinário, já que foi isso que o desenvolvimento tecnológico permitiu aos donos das indústrias.

Consequentemente, quando se reduz esse modo pensante, também se reduz a força necessária para realizar determinadas atividades porque surgiu o maquinário que passou a exercer essa função. Junto a essa subdivisão existe também uma padronização, cada indivíduo vai ter um ritmo dentro dessa produção necessária para alcançar as metas daquele determinado tempo.

Até hoje a base conceitual e prática de Taylor é colocada em diversos setores, sejam eles empresariais, industriais e trabalho, mas também na educação, na saúde dentre outros. Enfim, ela está entrelaçada nesse processo de produção que existe uma ideia de organização. Foi ele que trouxe essas bases conceituais práticas para as experiências de Henry Ford, que colocou em prática na produção de carros. A produção nessa forma de organização do trabalho tornando-o em escala massiva.

Já Henry Ford tinha uma inclinação para a mecânica. Ele realizou várias invenções e teve a ideia da construção da planta da Ford Motor Company, que depois tornou-se a maior fabricante mundial de veículos automotores, porém, além de ele ser o dono da indústria, ele sempre estava analisando como poderia aperfeiçoar essa produção. Como seria possível ampliar essas inovações tecnológicas e organizacionais do trabalho para colaborar nessa produção em maior escala. Com o consumo de massa era necessário produzir unidades de veículos mais simples e mais baratas para serem vendidas.

Consequentemente ele se aproximou das ideias de Taylor, porém, ele inovou trazendo a esteira. Já existia a subdivisão das funções, só que em vez do funcionário fazer o deslocamento, a esteira iria passar por toda a empresa com o produto, por uma escala de montagem em que o trabalhador vai acompanhando o ritmo na produção. Ele inovou com a esteira e a cadência da produção. Com esse ritmo de trabalho, reduziu-se em torno de dez horas, o tempo de produção.

Para Pinto (2013, p. 37) a divisão taylorista havia possibilitado que se distribuíssem os trabalhadores e suas ferramentas efetivamente ao longo de uma linha, ao padronizar o trabalho em atividades cujas operações eram uniformizadas. Essa forma de organização estabelecida buscou reduzir o tempo gasto por racionalizar e aumentar a produtividade e não permitia a existência de uma intervenção criativa dos trabalhadores no processo produtivo do produto. O que impedia qualquer abstração conceitual sobre o trabalho (2013, p. 38).

No sistema de organização do trabalho fordista/taylorista a fragmentação do trabalho se estabeleceu devido as especializações. A racionalização técnica levou a negação de sua natureza humana. O taylorismo possibilitava a extração máxima de sobretrabalho não-pago (mais-valia), pois os operários tinham que

acompanhar o ritmo da máquina e suportar uma excessiva carga de trabalho.

O conceito de flexibilidade nessa forma de organização do trabalho taylorista e fordista estava na capacidade de substituição direta e rápida dos trabalhadores, sem custo em termos de qualidade e produtividade. Inclusive deixando bem claro que o homem, nada mais, nada menos era do que um componente dessa máquina, não era ele que determinava o ritmo da máquina, mas era determinado por ela.

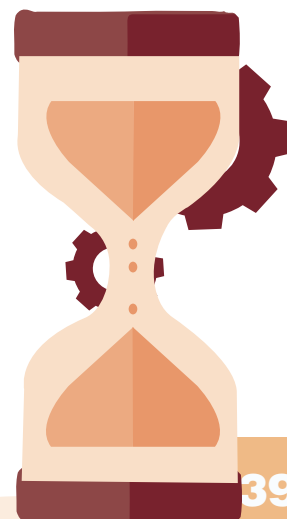
O corpo é visto nesse espaço fabril como uma extensão da máquina, o corpo devia acompanhar o ritmo da máquina e não o contrário.

A visão relacionada ao corpo humano (...). Trata-se de um corpo concebido como máquina de produção, metáfora imperante dirigida a homens e mulheres. Assim seus movimentos deveriam ser ritmados pela cadência da atividade na indústria, de acordo com estratégias pensadas para garantir um saldo positivo na relação esforço/rendimento da máquina humana, capaz de leva-la a seu limite máximo sem, contudo, danificá-la (BERCITO 2011, p. 403).

Para a otimização do tempo era necessário produzir mais em menos tempo, foi intenso o esforço dos empresários para implementar os cursos de qualificação e métodos de controle e racionalização para as fábricas. Era necessário alcançar o rendimento máximo com o menor esforço possível. As diversas tarefas e qualificações são exigidas de acordo com a posição do trabalhador na cadeia produtiva. Cada pessoa possuía uma posição dentro dessa cadeia, onde podia ser incluída e excluída de determinado setor dependendo da sua qualificação.

O sistema taylorista/ fordista articulou-se ao Estado de Bem-Estar Social e aos sindicatos até a década de 1970, pois nesse período ocorreu a crise do petróleo que acabou desequilibrando a economia devido à valorização e desvalorização do dólar, acentuando a internacionalização pelos capitais financeiros e flutuações cambiais. Houve um crescimento nos setores de serviços (comércio, finanças, saúde), ocasionando a transformação das indústrias, por meio da flexibilização na capacidade e no processo de produção, o foco voltou-se para a qualidade dos produtos, a sofisticação, baixos preços finais, entrega rápida e precisa. Surgem as redes de pequenas empresas com o modelo toyotista com seu sistema just-in-time (entrega rápida e precisa), com a desverticalização e subcontratação de empresas.

Segundo Pinto (2013) a reestruturação produtiva e a flexibilização da ação estatal no mercado resultaram na segmentação da classe trabalhadora em dois grupos distintos: nos círculos operacionais ou gerenciais, com alto nível de formação, e o outro grupo são os trabalhadores contratados temporariamente em setores tradicionais como o têxtil, indústria microeletrônica e no setor de serviços. Essa fragmentação em uma classe trabalhadora estável e outra precarizada só distingue e distancia as reivindicações e pautas trabalhistas. Com isso houve uma queda na sindicalização e perdeu força os próprios movimentos de greve. Poderemos perceber que:



Em síntese, a instabilidade macroeconômica mundial surgida nos anos de 1970 e seus desequilíbrios, como a hipertrofia do capital financeiro, abalaram o crescimento dos mercados nacionais protegidos e em expansão desde o pós-1945, promovendo a utilização de inovações tecnológicas e organizacionais que, por sua vez, resultaram em novas formas de produção e de circulação de mercadorias e serviços, alimentando mudanças nos mercados de consumo. O pilar do crescimento contínuo do consumo e da produção de massa de artigos padronizados foi então substituído por um consumo aparentemente personalizado, com mercados cujo lento e instável crescimento passou a ser atendido por um sistema produtivo “flexível”, “enxuto” e crescentemente transnacionalizado (2013, p. 51).

O modelo de organização do trabalho mais revolucionário foi criado na empresa japonesa Toyota Motor Company, em 1970, superou os demais sistemas de organização, pois extrapolou a produtividade e acúmulo do conhecimento a favor da acumulação capitalista.

O período após a Segunda Guerra mundial no Japão em tempos difíceis e necessários para superação e criação foi o ambiente onde surgiu um sistema que se adaptasse às mudanças e diversificação do mercado. Logo depois a automação, a substituição da máquina pelo homem foi inaugurada como processo de produção. Juntamente com a diminuição dos postos de trabalho, passou-se a utilizar e exigir as diversas habilidades dos trabalhadores.

O saber do trabalhador era utilizado a favor da empresa (diferente do modo de organização fordista e taylorista que simplificava cada vez mais as funções dos trabalhadores) e a produção passou a ser feita em tempo hábil, com a produção de reservas de peças em prateleiras para sua montagem rápida e que atenda ao interesse do consumidor, feito por uma produção no tempo certo just-in-time e no momento necessário. Reduziu-se drasticamente o efetivo de trabalho e o tempo de produção não era um tempo fechado, mas sim flexível e produtivo.

A qualidade do produto passou a ser analisada no próprio processo de produção direta. Os trabalhadores passaram a atuar em equipes, cada célula passou a ter um líder para assegurar o desempenho da equipe. Nesse modelo intensificou-se o controle patronal sobre os trabalhadores nos locais de trabalho e aumentou a gestão em cada posto de função, com o trabalho de cumprimento de metas a cobrança passou a ser exercida pelos próprios funcionários, colaborando com uma sensação de vigilância o tempo todo.

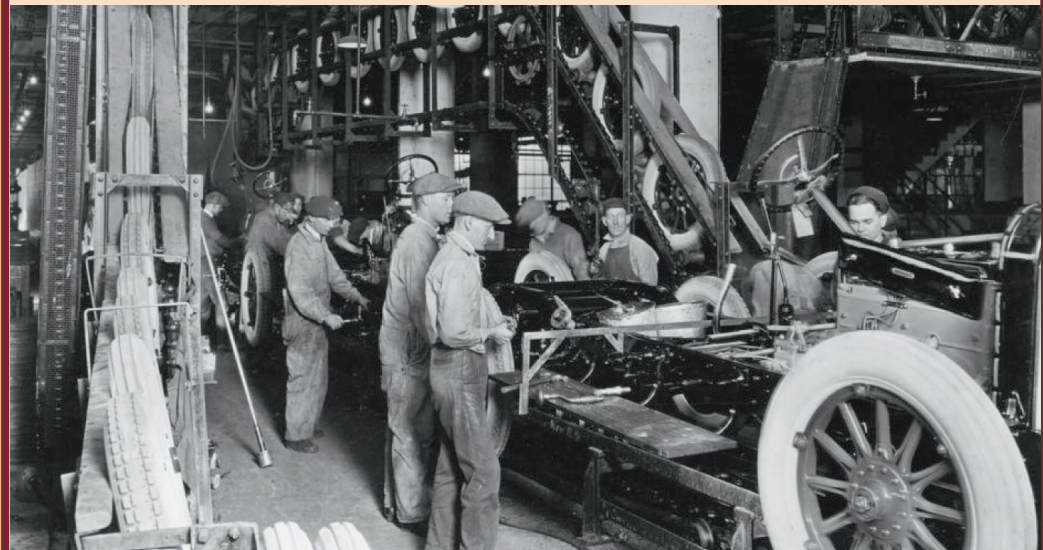
Nessa forma de organização o funcionário tem a visão de toda a produção com o objetivo de ampliar e colaborar no processo de trabalho para melhoria e produtividade, com uma interiorização do objetivo da empresa para si mesmo, “vestir a camisa da empresa”. Como esse modelo nasceu na cultura oriental esses mecanismos socioculturais dificultaram a aplicabilidade do toyotismo na sociedade ocidental. Depois, o modelo foi adaptado a cada realidade de setores econômicos.



Após exposição do conteúdo explorado nesse subtópico em sala, o professor pode pedir ao estudante que diferencie através de uma tabela as características de cada sistema de organização de trabalho:

SISTEMA DE ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO	TAYLORISMO	TOYOTISMO	FORDISMO
Criador	Wilson Taylor	Henry Ford	Empresa japonesa Toyota Motor Company
Contextualização			
Principal objetivo			
Condições de Trabalho			
Impacto Social			

Através da leitura das imagens abaixo identificar e destacar as principais diferenças entre as formas de organização do trabalho fordismo-taylorismo e toyotismo:



SUGESTÃO DE ATIVIDADE

Disponível em: < <https://admevolution.wordpress.com/2016/11/03/teoria-do-modelo-de-producao-fordista/> > . Acesso em: 3 mar. 2019.

Disponível em: < <https://fernandonogueiracosta.wordpress.com/2017/03/03/atividade-autonoma/> > . Acesso em 3 mar. 2019.

3.2. Os impactos e as consequências nas relações sociais

Foram várias as consequências da industrialização do capitalismo ocidental, o que levou a transformação pela conquista da superioridade técnica e globalização da economia e trouxe uma série de mudanças ideológicas, sociais, culturais, artísticas e econômicas. Com a demolição das bases da geometria euclidiana, avanços na música, Freud e suas obras, Einstein e sua relatividade, Picasso e suas pinturas, arquitetura, literatura, química e biologia molecular, tudo sofre drásticas mudanças.

A mídia passou a exercer grande poder de influência. A família nuclear padrão até metade do século XX começou a mudar e aumentou o número de divórcio. Diminuiu a quantidade de casamento e reduziram o número de filhos. O número de mulheres na chefia familiar aumentou. A década de 1960 e 1970 foi marcada pela liberdade sexual, a novidade do anticoncepcional e as discussões sobre aborto. O aumento da cultura jovem, pais solteiros, divórcios, estão relacionados a esse período de transformação cultural.

O papel das mulheres na sociedade cresceu no acesso ao ensino superior, na conquista do direito ao voto e na consciência de gênero. As consequências sociais do afrouxamento dos laços familiares destruíram também a cooperação social. Logo, houve a quebra de vínculos e de confiança. Para Hobsbawm (1995, p. 328) A revolução cultural de fins do século XX pode assim ser mais bem entendida como o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, ou melhor, o rompimento dos fios que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais.

Outros pensadores veem como fator positivo o triunfo do indivíduo, de acordo com De Masi (2001) o elemento mais importante da sociedade pós-industrial é a subjetividade, o que contrapõe o modismo e a massificação. O modismo tornou-se prejudicial à venda. Cada um cultiva a sua própria subjetividade. Para ele a subjetividade é um fenômeno complexo. Significa que eu possuo uma tal autonomia de julgamento, que posso me permitir a uma escolha baseada nas minhas necessidades e recursos, e não no fato de pertencer a algum grupo (2001, p. 121). O problema não é só a captura pela subjetividade, mas a forte cultura individualista estabelecida pelo desenvolvimento da sociedade capitalista. Onde o individualismo só se fortalece e encontra meios para se estabilizar, através do aumento do egoísmo e da crescente ideia de que os direitos individuais vêm na frente de tudo.

A revolução tecnológica trouxe consequências políticas e culturais para a própria arte. A arte voltou-se para a publicidade, o produto agora pode proporcionar a inovação, que se tornou como uma ideia de superioridade. Dessa forma o mercado conseguiu transformar tudo em lucro e formou uma cultura com um apetite voraz pela novidade, estimulados pelo consumo.

Atualmente o conceito atual de mercado se define como meio indiscriminado e globalizante de alcance do máximo de lucro. Dessa forma a arte e a produção cultural encontra sua própria obsolescência. A política e o mercado são dois participantes do jogo de “cultura” e de influências no início do século XXI, juntamente com o imperativo moral, sem esse mecanismo moral o mercado decide apenas o que gera ou não lucratividade e não o que é necessário e o que se deve vender.



Bauman (2013, p. 40) cita uma cultura “agorista”, a busca pela perpétua mudança e promove o culto da novidade o que acaba levando e defendendo a uma identidade mutável. Em uma sociedade que favorece a compra por crédito, estimula a extravagância e o consumo exacerbado, a diversão tornou-se aliada ao consumo. Para ele, em nossa sociedade líquido-moderna de consumidores, a indústria de eliminação, remoção e descarte de dejetos é uma das poucas atividades com garantia de crescimento contínuo e imune aos caprichos dos mercados de consumo.

E pontua que:

Os jovens da geração que agora está entrando ou se preparando para entrar no chamado “mercado de trabalho” foram preparados e adestrados para acreditar que sua tarefa na vida é ultrapassar e deixar para trás as histórias de sucesso de seus pais e que essa tarefa está totalmente dentro de suas possibilidades. Não importa aonde os pais conseguiram chegar, eles chegarão mais longe. Pelo menos é assim que foram ensinados e doutrinados. Nada os preparou para a chegada do novo mundo inflexível, inóspito e pouco atraente, o mundo da degradação dos valores, da desvalorização dos méritos obtidos, das portas fechadas, da volatilidade dos empregos e da obstinação do desemprego; da transitoriedade das expectativas e da durabilidade das derrotas; um novo mundo de projetos natimortos e esperanças frustradas, e de oportunidades mais notáveis por sua ausência (2013, p. 45).

A sociedade do Capital se propõe, em vez de compartilhar os bens de produção, as riquezas e a tecnologia para todos, compartilhar somente e de forma unificada, a moda, o gosto e as angústias. Como podemos perceber, somente a formação acadêmica já não garante um emprego ao qual o estudante foi qualificado devido a uma alta taxa de desemprego. Cria-se, dessa forma, uma multidão de frustrados, o jovem passou a ser adestrado para o consumo e todos os demais assuntos deixaram de ser prioridade. Se não há longo prazo na vida profissional, a vida pessoal assim também se apresenta, é o imperativo do curto prazo.

A passagem do fordismo para o novo paradigma da modernidade líquida provocou uma transformação no campo das relações sociais, sexuais e afetivas. A infinita liberdade de que os indivíduos usufruem em nossa época assinala uma inversão da prescrição ética, somos quase sempre estimulados a usufruir o agora. O mercado de consumo facilitou a desagregação dos vínculos inter-humanos. Os problemas ocasionados por essas mudanças são anorexia, depressão, ataque de pânico, abuso de drogas entre outros (BAUMAN, 2013, p. 102-104).

Em busca de eliminar as camadas burocráticas e acompanhar o ritmo do mercado de trabalho, muitas empresas buscam se tornar mais planas, quebrando estruturas hierárquicas e suas rotinas, tornando-se mais flexíveis para adaptar





as novas relações e comportamentos dos indivíduos. Para Sennett (1999, p. 54) a repulsa à rotina burocrática e a busca da flexibilidade produziram novas estruturas de poder e controle, em vez de criarem as condições que nos libertam.

De acordo com De Masi (2001, p. 134), essa flexibilidade nada mais é do que a valorização das riquezas culturais. Na sociedade industrial, o poder dependia da posse dos meios de produção (fábricas). Na sociedade pós-industrial, o poder depende da posse dos meios de ideação (laboratórios) e de informação (comunicação de massa). Para o autor a sociedade pós-industrial se funda na criatividade, ignorando, dessa forma, as consequências negativas dos demais desdobramentos sociais.

Perde-se a rigidez dos contratos e dos convívios e predominam as relações superficiais. Essa mudança gera alguns males que afetam diretamente os laços sociais, pois interfere no próprio caráter pessoal. Competência, flexibilidade, habilidades múltiplas, esses são alguns dos perfis que atualmente algumas empresas buscam em um bom profissional; o mercado profissional que em seu nome já dita sua forma se selecionar ou comprar o melhor e o mais barato profissional para o seu mercado, passa a exigir cada vez mais.

A fronteira, antes sacrossanta, que separava lar e escritório, jornada de trabalho e “tempo livre” foi quase eliminada; todo e qualquer momento da vida se transforma num momento de escolha séria, dolorosa e muitas vezes seminal, entre a carreira e as obrigações morais, os deveres do trabalho e as demandas de todas aquelas pessoas que precisam do nosso tempo, de nossa compaixão, carinho, ajuda e socorro (BAUMAN, 2013, p. 107).

Buscar as realizações pessoais nunca foi tão difícil num tempo em que podemos definir o que queremos ser, e junto a isso temos como certeza as situações improváveis, as instabilidades, a corrosão do caráter, a ‘fluidez’ das relações sociais: tudo isso que dificulta os planos para um futuro promissor, o que leva a uma postergação de um horizonte de satisfação pessoal.

A década de 1980 e 1990 foi marcada pelo declínio da classe operária devido às transformações técnicas da produção. Como destaca Hobsbawm (1995):

A indústria siderúrgica americana agora empregava menos pessoas que as lanchonetes McDonald's. Mesmo quando não desapareceram, essas indústrias tradicionais mudaram-se de velhos para novos países industriais. Produtos têxteis, roupas e calçados migraram em massa (1995, p. 297).

Com isso levou a perda de força dos sindicatos e das estratégias de greve. Foi o período marcado pelo declínio dos sindicatos. O que acontece com esses trabalhadores desempregados? Tornam-se dependentes da previdência social, entram no mercado informal e para o submundo social.

Com nosso ritmo e modo de viver e pensar, onde vamos parar? A realidade social é multidimensional, e não conseguimos configurar o rosto do presente, estamos lidando com as incertezas, diante do progresso do desenvolvimento, convulsões e horrores, vive-se da crise da civilização, dos valores, da cultura e da família. A

expectativa pelo progresso trouxe a barbárie pelo viés da nossa civilização tecnológica, científica e racional. Diante dos fatos e acontecimentos, caso não mudarmos a rota, seremos condenados e caminharemos para uma autodestruição.

Para Morin (2012), uma das soluções para evitar a barbárie seria uma consciência planetária humanitária. Na perspectiva do autor seria necessária uma revolução, criar um novo laço de humanidade. Porém, essa revolução deve ser multidimensional, pois necessita de diversas mudanças simultaneamente.

Para os que acreditam em uma terceira via, Mészáros (2012) afirma ser uma enganação, pois esses sonham em acreditar que esse mesmo sistema, mediante todo o percurso histórico de crise, guerra e expansão, demonstrou não dá sinais de realizar uma mudança positiva em prol da humanidade de modo geral. Pois existe uma crise estrutural que leva as demais crises periódicas do capitalismo como nos mostra a história. Mészáros considera como suicídio encarar a realidade destrutiva do capital como o pressuposto do novo e absolutamente necessário modo de produzir as condições sustentáveis da existência humana (2012, p. 21).

As discussões travadas da maioria dos intelectuais críticos à sociedade capitalista mostraram a necessidade e emergência de mudanças apresentando, assim, alguns meios de saída ou de recomeço para a situação na qual a humanidade global se encontra. Porém, de maneira geral, não existe uma fórmula ou uma só solução para decidir os problemas, pois a história é real e não se configura somente nos campos das ideias teóricas, ela está para ser feita e está sendo feita constantemente. Seja por uma revolução dos meios de produção ou de organização social, seja por uma revolução cultural, das mentalidades e dos paradigmas, o que devemos reconhecer é que a história após essas décadas perdeu o rumo e caminha para um futuro irreconhecível e com isso de fato são necessárias verdadeiras mudanças estruturais.

Não sabemos para onde estamos indo. Só sabemos que a história nos trouxe até este ponto. Contudo, uma coisa é clara: se a humanidade quer ter um futuro reconhecível, não pode ser pelo prolongamento do passado ou do presente. Se tentarmos construir o terceiro milênio nessa base, vamos fracassar. E o preço do fracasso, ou seja, a alternativa para a mudança da sociedade, é a escuridão (HOBSBAWM, 1995, p. 562).



POESIA EM ANÁLISE

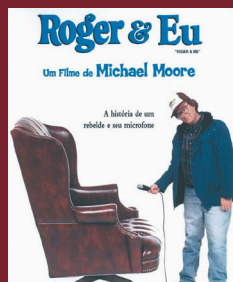
Nos anúncios na tevê
somos lindos, sorridentes
cabelos longos e radiosos
(...)
Mas aí cessa o intervalo, o recreio:
irrompem filmes e notícias, jorra
a tempestade de sangue
no sofá, estantes, paredes e tapetes.
Mas isto é rápido

de novo
novo anúncio
e a utopia do consumo
nos entorpece os sonhos
nos fazendo esquecer
onde estamos
- e quem somos.

SANT'ANNA (2014),
POETA BRASILEIRO.

O professor pode utilizar essa poesia para refletir com os estudantes sobre os impactos sociais do avanço do capitalismo, perceber o uso da propaganda e mídias para distrair as pessoas dos problemas reais e das suas próprias reflexões em relação a contribuição social para alguma transformação em nossa sociedade.

FILME E REFLEXÃO



ROGER E EU

Filme documentário da década de 1980 que busca mostrar os impactos econômicos, sociais e culturais após a demissão por parte da empresa General Motors de uma grande parcela da população da cidade de Flint, nos Estados Unidos da América. O protagonista da história busca encontrar o responsável por esse grande impacto social.



O DIABO VESTE PRADA

O filme apresenta o mundo inovador e ousado da moda, porém pode ser explorado para refletir sobre o modo de produção atual que não delimita o espaço pessoal do espaço do trabalho e as angústias sobre os setores disponíveis sobre a oferta de emprego. Também possibilita uma análise sobre o mundo da concorrência, da aparência e do consumo em detrimento de uma vida comum e sem luxo.



4.

A INDUSTRIALIZAÇÃO E AS RELAÇÕES TRABALHISTAS NA HISTÓRIA DO BRASIL





A proposta desse capítulo é compreender o processo de industrialização do Brasil desde seu início até alcançar as alterações ocasionadas pelo processo de mundialização do capital, em que a fabricação dos produtos se dá agora pelo mundo inteiro, o que leva os países subdesenvolvidos a equiparam-se de forma errônea aos países desenvolvidos. Assim, também, buscamos apreender o processo de desenvolvimento econômico do Brasil e a sua atual posição na nova ordem mundial, além de perceber como todas essas transformações afetaram nas relações trabalhistas e na precarização dos trabalhadores.

Em muitos discursos defende-se que os países subdesenvolvidos conseguirão alcançar os de primeiro mundo desde que sigam os mestres de “modernização” e que copiem modelos democráticos, porém, acreditamos que um dos principais elementos paradoxais que fazem parte da própria estrutura do capital é a existência de países dependentes dos que são desenvolvidos.

A indústria brasileira teve avanço por volta do século XIX, porém, a principal atividade econômica do país era a produção agrícola. Algumas leis colaboraram com o atraso industrial, proibindo essa prática devido ao pacto colonial com a Coroa Portuguesa. Com o Tratado de Methuen (1703) subordinando Portugal e o Brasil aos interesses comerciais britânicos, inviabilizou-se o desenvolvimento industrial do Brasil. Somente no ano de 1808, quando a família Real se deslocou para o Brasil, alterou-se a situação política e econômica com a abertura dos portos às nações amigas.

Para além de uma concorrência desleal que dificultara o processo de industrialização, houveram outros limites e barreiras para o investimento industrial no Brasil: transporte rudimentar e deficiente; regime escravista; baixa urbanização; existência de mercado interno fraco; vasta extensão territorial; poucos consumidores. De acordo com Luca (2016, p. 14), sem ter para quem vender, por que alguém arriscaria sua fortuna em indústrias?

Ocorre que, no século XIX, o café ocupava o primeiro lugar em exportações no processo de produção cafeeira era necessário buscar terras férteis, construção de ferrovias que foram instaladas na região de São Paulo com incentivos e empréstimos de capitais ingleses. Na última metade do século XIX, foi decretado o fim do tráfico de escravos, logo a mão de obra escrava deixava de ser rentável, e após a abolição da escravidão houve um incentivo por parte dos cafeicultores à imigração de europeus.

O processo de industrialização no Brasil foi devido à economia cafeeira, em que utilizava a mão-de-obra de imigrantes. Eles vinham na perspectiva de ‘fazer América’, por meio de contratos de trabalho, custeado pelo governo, o que ocasionou um aumento no índice populacional paulista. Para o escoamento dos produtos utilizavam os transportes rodoviários e uma grande mobilização do mercado.

Podemos dizer que o processo de investimento e desenvolvimento pelo comércio do café para a cidade de São Paulo, vieram diversas transformações modernizadoras. O cafeicultor era em alguns casos também um empresário e alguns deles tornaram-se grandes industriais. Houve um início do crescimento industrial com as sapatarias, marcenarias, tinturarias e outros. As péssimas condições de trabalho no campo fizeram muitos imigrantes partirem para a cidade em busca de trabalho, o que colaborou com o barateamento no custo da mão de obra nos serviços industriais.

Como apresenta Francisco de Oliveira (2013) a industrialização brasileira cresceu e se alimentou pelo atraso em outros setores (agricultura), destacando, dessa forma, que o setor atrasado não foi um empecilho, mas um componente essencial para o desenvolvimento industrial e econômico no capitalismo dependente, no qual o Brasil se encaixou.

Dessa forma, montou-se uma estrutura destinada às necessidades da cafeicultura. Tudo dependia do café. A crise de 1929 reduziu essa produção, houve uma queda da exportação, que era responsável por mais de 70%. Em decorrência disso, correu uma grande desvalorização cambial e foram realizados empréstimos externos. Nessas condições as indústrias foram crescendo. Consequentemente também houve alterações no número de operários, na urbanização e também nas novas regulações e legislações sobre o trabalho.

É importante citar que, as relações de trabalho do século XX estavam impregnadas ainda por padrões herdados da escravidão. Os trabalhadores vivenciaram perseguição e opressão: eram comuns os abusos e denúncias contra as condições de vida deles, no início não havia uma regulamentação e uma intervenção estatal. Desse modo, eles ficavam à mercê de seus patrões. Muitos bairros foram fundados decorrentes da industrialização e imigração e, tanto no ambiente de trabalho, como de moradia, os lugares eram precários e insalubres.

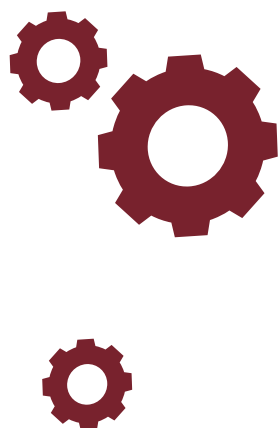
Os operários utilizavam vários meios e recursos para se organizarem e resistirem às condições injustas de trabalho, a dizer, sociedades beneficentes; ligas; uniões e sindicatos; jornais e boletins; manifestos e panfletos; e organização das greves. As principais resistências à exploração do trabalho tinham como fundamentos ideológicos o anarquismo, o socialismo e os anarcossindicalistas, que enfatizavam o papel dos sindicatos, fortes influências ideológicas das migrações europeias.

Até 1930 o Brasil era um país predominantemente rural e faltava uma atuação da política pública para promover uma unidade nacional com a necessidade de integrar o território. No início dos anos de 1930 houve um crescimento industrial nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

As décadas de 30 e as seguintes, 40 e 50, foram de crescimento industrial e substituição de importação (produto têxtil, alimentação, bebida e sapatos). Nesse período novos setores apareceram em destaque - o metalúrgico, mecânico, materiais elétricos, químico e farmacêutico. Para Luca (2016, p. 48), em 1940, os bens de produção representavam cerca de 38% do total da nossa produção industrial. Além de investir nas indústrias, investiram também no setor de bens de produção.

O Brasil foi se tornando urbano-industrial, o que ocasionou diversas mudanças como o estilo de vida, as relações de gênero, crescimento da classe média, as novas mídias como o rádio e o cinema, entre outros. A urbanização, com novos costumes, passou-se a consumir os serviços industriais. Era necessário transporte para interligar as regiões e investir nas rodovias com as inovações dos meios de transporte e de comunicação. Aos poucos foi se construindo um mercado interno para evitar somente a dependência do mercado externo.

No governo de Vargas foi feita a criação de novos ministérios como o do Trabalho, da Indústria, do Comércio, da Saúde e da Educação. A criação do Ministério do Trabalho está relacionada com a crise do capitalismo e as ideias comunistas, pois teve como objetivo alcançar a unicidade dos sindicatos.





Na relação Estado-sindicato, Vargas exigiu uma regularização desses como órgão técnico consultivo. O Estado só reconhecia somente um sindicato, dessa forma, eles perdiam a autonomia, pois eram controlados pelo governo. Essa foi uma das práticas da política corporativista. Como enfatiza Luca, (2016, p. 56), o trabalho solidário e harmonioso em prol do engrandecimento de cada atividade colaboraria poderosamente para o fortalecimento da nação.

O governo de Vargas deu atenção especial às necessidades da indústria como créditos, importação de máquinas, matérias-primas e combustíveis, bens duráveis, construção de estradas, siderúrgicas, hidroelétricas, produção de aviões, navios e armamentos. Havia a intervenção do poder público aliado a uma postura nacionalista estatizante nesse governo. (1938- Criação do CNP – Conselho Nacional do Petróleo/ 1939- CNAEE – Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica/ 1940- Companhia Siderúrgica Nacional Companhia Vale do Rio Doce).

Inspirado na constituição de Mussolini, criou a Lei de Segurança Nacional contra a subversão; criou também o DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), em 1939; foram proibidas as greves; em 1940, foi estabelecida a lei do salário mínimo; em 1941, a Justiça do trabalho e em 1943 a CLT (Consolidação das leis trabalhistas). Instaurou-se o Estado Novo com medidas coercitivas e ideológicas favoráveis à construção de uma imagem positiva de Vargas. As datas festivas onde era comemorado o 1ª de maio, dia de luta do trabalhador, foram adaptadas para promoção da própria imagem de Vargas.

O final da Segunda Guerra mundial foi o período de transição política do país para a democracia. O candidato lançado com apoio de Vargas, Eurico Gaspar Dutra, ganhou as eleições. Em seu governo tomou medidas de cunho liberal, fez uma aproximação com a direita, elaborou alguns planejamentos estratégicos de construção de rodovias e usinas hidrelétricas, como a de Paulo Afonso.

Após o controle da inflação, houve o controle de câmbio o que dificultou a importação, favorecendo a indústria nacional. Depois, no segundo governo de Vargas, houve investimento na indústria de base (BNDE, PETROBRÁS e Cia Hidrelétrica de São Francisco) com o apoio dos nacionalistas. Porém, a conjuntura internacional estava desfavorável à estabilidade política nacionalista.

Com a crise e, posteriormente, o fortalecimento das multinacionais, foi enfraquecendo a economia latino-americana. No governo de JK, criaram-se atrativos para o capital internacional, beneficiando as empresas multinacionais; investiu-se em produção, bens de consumo duráveis, automóveis, eletrodomésticos e criou-se uma dependência com o Fundo Monetário Internacional para a realização do plano de metas, foi um período de alta inflação.

Na década de 1950, houve o monopólio das indústrias automobilísticas. Nessa mesma década criaram a SUDENE (Superintendência de desenvolvimento do nordeste) e projetos de industrialização para diminuir a discrepância entre a região Sudeste e Sul. Também foram longos períodos de agitação no campo pela questão fundiária com o fortalecimento do movimento pela reforma agrária.

Intensificou-se como um período de grande inflação e greves com aumento de salários e acelerada corrida de preços das mercadorias. O governo Goulart conseguiu assumir o poder e elaborou o plano trienal em que buscava o combate à inflação, a distribuição de renda e um refinanciamento da dívida externa. O clima de Guerra

Fria com doutrinação e guerra psicológica, fortaleceu o combate ao governo de João Goulart. Em 1963, ocorreu um plebiscito para presidencialismo, ele conseguiu assumir como presidente e anunciou as reformas sociais de base com interferência na educação, na questão fundiária e na saúde, entre outros. Porém foi interrompido com um golpe militar de 1964.

Ocorre que, a missão do presidente golpista era “restaurar no Brasil a ordem econômica e financeira e acabar com as influências comunistas” mobilizando grande parte dos trabalhadores. O período da ditadura civil e militar no Brasil foi marcado por repressão e perseguição – controle da economia baseado em dados omitidos e fraudados. Esse período foi o paraíso para os países desenvolvidos instalarem suas empresas e a realização de empréstimos para a construção de hidroelétricas. Intensificou a brutal concentração de renda e capital, o que levou a um grande desequilíbrio social.

A década de 1970 foi marcada pelo choque do petróleo, causou inflação e intensificou os movimentos grevistas e paralisações principalmente no ABC paulista (Eleições diretas/ CUT e PT). O saldo do regime militar foi um país em grave crise com alto índice de inflação, dívida externa, desemprego e desigualdades sociais.

Na década de 1980 ocorreram as manifestações exigindo as eleições diretas (Diretas Já) e a constituição de 1988, em meio a um segundo choque do petróleo (Irã x Iraque). Com essa crise o Brasil recorreu ao FMI e Banco Mundial para fazer reajuste estrutural privatizando, diminuindo as funções do Estado, impondo redução de gastos públicos, abrindo o mercado para importações e enfraquecendo a indústria nacional.

A terceira Revolução Industrial foi caracterizada pela automação, ocorrendo o processo de desproletarização e aumentando os setores de serviços. As mudanças foram diversas no processo de industrialização com a base na microeletrônica e nas novas tecnologias. É possível perceber que, o trabalho humano tornou-se dispensável. Passou-se a exigir especialização para atender as necessidades do mercado. O governo local passa a depender do mercado global, em sua nova divisão internacional do trabalho.

O Brasil, como outras economias periféricas, inseriu-se na nova ordem em um regime de acumulação flexível de capital, através da maleabilidade das relações de trabalho com o amparo do Estado, através das práticas neoliberais. Dessa forma, libertou-se dos padrões econômicos nacionais para o padrão globalizado, o que levou ao enfraquecimento dos sindicatos.

A década de 1990 foi marcada pelo governo neoliberal com altas taxas de desemprego, privatização, terceirização e subtração dos direitos dos trabalhadores em um regime de contratação mais flexível, afetando, dessa maneira, as políticas sociais com investimentos estatais nos setores produtivos, o que levou ao agravamento da situação econômica dos trabalhadores e tornou-o cada vez mais precário.

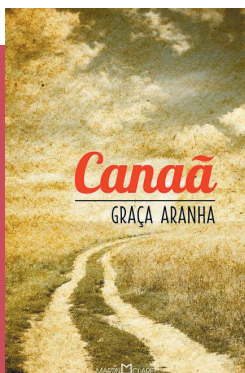
As tentativas de superar a crise no Brasil não foram por meio de uma ruptura de estrutura social, mas sim por meio de uma “modernização do arcaico”. Logo, os impasses de nosso desenvolvimento passam pelo modelo arcaico, tradicional e subdesenvolvido, são características do nosso país atrasado enquadradas em um capitalismo dependente, dentro da ordem mundial do capital.

A reflexão que se coloca é que a sociedade brasileira é marcada culturalmente por

uma elite escravocrata, e a aliança entre as elites burguesas internacionais e brasileiras só demonstram o interesse dos empresariados de dirigir a nação para garantir seus privilégios e lucros, o que desemboca na desigualdade social, produzindo mais miséria.

Esses interesses intervêm em questões políticas em todas as instâncias, principalmente na da educação, para assim, garantir mão de obra que atenda a todos os setores do mercado, desde um grau de especialista a uma formação básica precarizada. De acordo com Ciavatta (2007, p. 149), a redução da educação na preparação para o mercado de trabalho desloca a questão política da educação do cidadão produtivo emancipado para o trabalhador “colaborador”, submisso às necessidades da reprodução e da acumulação do capital.

Defendemos uma direção na contramão desses interesses de reprodução do capital, porém, estamos cientes das limitações postas por nossa realidade. Dessa forma, buscamos ressaltar a importância da necessidade de aprofundar o sentido da formação integrada para uma educação emancipadora, com o objetivo de formar, não apenas o cidadão produtivo, mas também o cidadão conhecedor de seus direitos, dos fundamentos científico-tecnológicos e históricos sociais do trabalho. Em um país de grandes desigualdades sociais e dualismo escolar, como o Brasil, a questão se expressa no desafio de formar jovens e adultos trabalhadores, aproximando a cultura escolar da cultura do trabalho (CIAVATTA 2007, p. 132).



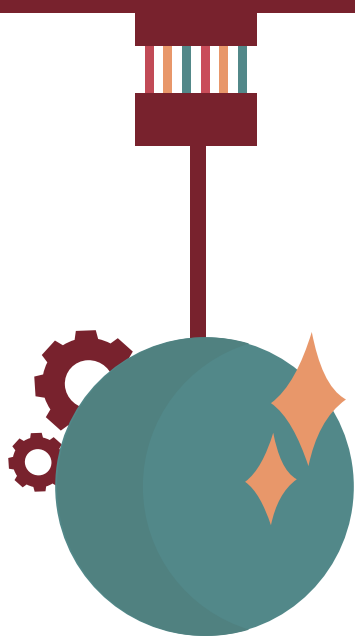
CANAÃ | GRAÇA ARANHA

O livro *Canaã* de Graça Aranha tem como personagens protagonistas dois alemães que migraram para a região do Espírito Santo. Eles vieram “fazer a América”, em busca da terra prometida. Milkau, um dos personagens fugia da urbanização europeia para uma vida pacata, pois acreditava que a civilização muitas vezes levava o homem à selvageria, mas vai encontrar no Brasil um país corrupto, burocrático, predominantemente patriarcal e opressor. Excelente obra para fazer análise social do Brasil em fins do século XIX e início do XX.



CORTIÇO | ALUÍSIO AZEVEDO

O livro *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, é um romance naturalista que busca explicar o comportamento dos personagens com base na influência sobre as moradias e as relações sociais permeadas nesse meio, pela raça e pelo momento histórico em análise, final do século XIX. Pontua elementos importantes sobre a busca pela inserção na classe burguesa e seus meios e recursos em busca do enriquecimento por via da exploração humana no início do Brasil republicano.



MÚSICA PARA PENSAR

TRABALHADOR

Está na luta, no corre-corre, no dia-a-dia
Marmita é fria mas se precisa ir
trabalhar
Essa rotina em toda firma começa às
sete da manhã
Patrão reclama e manda embora
quem atrasar
Trabalhador
Trabalhador brasileiro
Dentista, frentista, polícia, bombeiro
Trabalhador brasileiro
Tem gari por aí que é formado
engenheiro
Trabalhador brasileiro
Trabalhador
E sem dinheiro vai dar um jeito
Vai pro serviço

É compromisso, vai ter problema se
ele faltar
Salário é pouco, não dá pra nada
Desempregado também não dá
E desse jeito a vida segue sem
melhorar
Trabalhador
Trabalhador brasileiro
Garçom, garçonete, jurista, pedreiro
Trabalhador brasileiro
Trabalha igual burro e não ganha
dinheiro
Trabalhador brasileiro
Trabalhador

SEU JORGE
(MÚSICO E COMPOSITOR BRASILEIRO).

BURGUESINHA

Vai no cabeleireiro
No esteticista
Malha o dia inteiro
Pinta de artista
Saca dinheiro
Vai de motorista
Com seu carro esporte
Vai zoar na pista
Final de semana
Na casa de praia
Só gastando grana
Na maior gandaia
Vai pra balada
Dança bate estaca
Com a sua tribo
Até de madrugada
Burguesinha, burguesinha
Burguesinha, burguesinha
Burguesinha

Só no filé
Burguesinha, burguesinha
Burguesinha, burguesinha
Burguesinha
Tem o que quer
Burguesinha, burguesinha
Burguesinha, burguesinha
Burguesinha
Do croissant
Burguesinha, burguesinha
Burguesinha, burguesinha
Burguesinha
Suquinho de maçã
Burguesinha, burguesinha
Burguesinha, burguesinha
Burguesinha.

SEU JORGE
(MÚSICO E COMPOSITOR BRASILEIRO).

- Qual das duas músicas apresentam profissões?
- Qual é a realidade, as dificuldades e os percalços do trabalhador brasileiro comparado à vida da burguesinha?
- Essas duas realidades sociais existem no Brasil? Qual a que predomina na maior parte da população brasileira?
- Qual das duas músicas se aproxima com a sua realidade social e da sua família?
- Quais reflexões podem ser extraídas na relação entre as músicas?

Após a exposição sobre as condições de trabalho ao longo da história do Brasil, o professor pode permitir uma análise sobre alguns trechos das legislações trabalhistas ao longo do tempo, para que o educando perceba o processo de conquistas e perdas dos direitos trabalhistas.

1) A imagem a baixo representa duas classes sociais que passaram a existir logo após o processo da Revolução industrial e urbanização em alguns países europeus. Marque o item correto.



CABARITO: B

- A) Senhores feudais e servos,
- B) Burguesia e proletariado.
- C) Patrões e escravos.
- D) Proletariados e nobreza.

“Os livros de História necessariamente amarrados em fatos e fontes não conseguem alcançar e nos mostrar com tantos detalhes e riquezas a intimidade e as reais condições de vida de muitos trabalhadores como abordam as obras literárias de Charles Dickens escritor inglês em suas obras “Oliver Twist” e “Tempos Dífíceis” e Émile Zola, escritor francês em sua obra “Germinal”, essas obras retratam como viviam os operários em situações diversas decorrente dessas transformações ocasionadas pela chamada Revolução Industrial na Europa. Exploração da mão de obra infantil, situações de miséria, precárias moradias, falta de instrução aos menos favorecidos. Péssimas condições de vida, moradia, alimentação, transporte, saúde, reais condições de miséria e o crime e a violência frequentemente presente nesse meio, enfim os autores contam através do seu olhar enriquecedor esse lado miserável da vida de muitas pessoas que viveram nesse período histórico e porque não dizer ainda nos dias de hoje.”

AMANDA DUARTE LIMA

Cite algumas mudanças, permanências e conquistas dos operários e das suas condições de trabalho e de vida na nossa sociedade.

Resposta: Desde o processo da Revolução Industrial muitas conquistas, organizações trabalhistas conseguiram obter direitos para os trabalhadores, salário mínimo, férias, 13º salário, folga, 8h de trabalho, segurança no trabalho, seguro de vida e outros, porém ainda existe muita desigualdade social ocasionada por essa forma de organização social e as assistências públicas ainda não são de melhores qualidades favorecendo dessa forma os mais estabelecidos financeiramente e socialmente.

SUGESTÃO

DE ATIVIDADE



SU GES TÃO

DE ATIVIDADE

Fábrica

Nosso dia vai chegar,
Teremos nossa vez.
Não é pedir demais: quero justiça,
Quero trabalhar em paz.
Não é muito o que lhe peço
-Eu quero um trabalho honesto
Em vez de "escravidão".



Deve haver algum lugar
Onde o mais forte
Não consegue escravizar
Quem não tem chance.

De onde vem a indiferença
Temperada ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?
O céu já foi azul, mas agora é cinza
O que era verde aqui já não existe
mais.
Quem me dera acreditar
Que não acontece nada de tanto
brincar com fogo,
Que venha o fogo então.
Esse ar deixou minha vista cansada,
Nada de mais.

BANDA: LEGIÃO URBANA

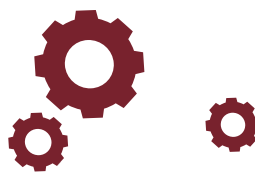
COMPOSIÇÃO: RENATO RUSSO

Associe essa letra da música com as mudanças ocorridas na sociedade após a Revolução industrial e marque o item correto:

- A) De acordo com a música "Nosso dia vai chegar", se refere a fala do operário que um dia vai chegar ao poder e mudar toda a estrutura social, invertendo a ordem e explorando os empresários.
- B) O trabalho escravo era frequente nas fábricas, porém depois de muitas lutas ele foi abolido.
- C) "Esse ar deixou minha vista cansada" se refere ao fato de as fábricas emitirem muitos poluentes, porém não afeta diretamente a vida dos operários.
- D) O termo "escravidão" foi utilizado em seu sentido figurado, expressando dessa forma uma indignação do operário assalariado ao excessivo trabalho das fábricas.

GABARITO: D

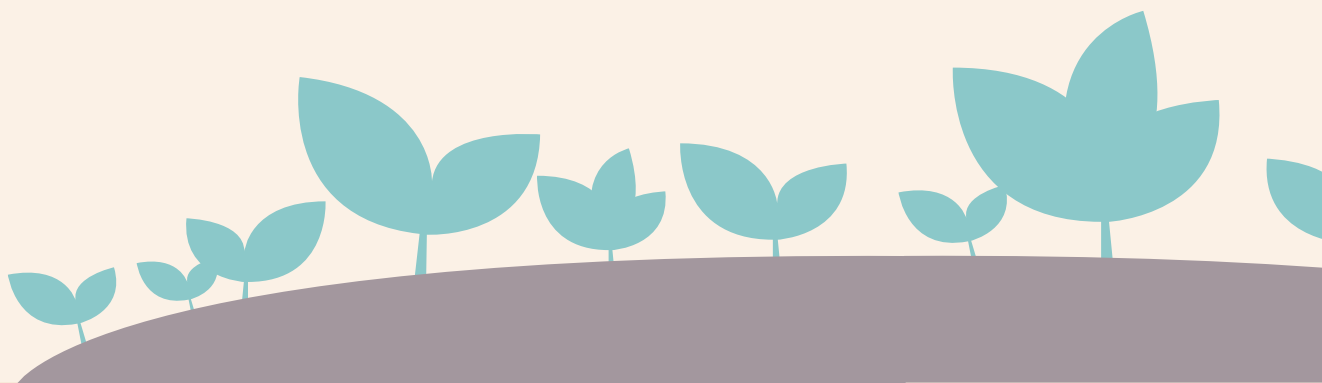
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



- ALMEIDA, PAULO ROBERTO DE. **A ECONOMIA INTERNACIONAL NO SÉCULO XX: UM ENSAIO DE SÍNTESE.** REV. BRAS. POLÍT. INT. VOL.44 NO.1 BRASÍLIA JAN./JUNE 2001. DISPONÍVEL: [HTTP://WWW.SCIELO.BR/SCIELO.PHP?SCRIPT=SCI_ARTTEXT&PID=S0034-73292001000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292001000100008). ACESSO EM 23 JAN. 2019.
- ANTUNES, RICARDO. **OS SENTIDOS DO TRABALHO: ENSAIO SOBRE A AFIRMAÇÃO E A NEGAÇÃO DO TRABALHO.** SÃO PAULO: BOITEMPO, 2009.
- ARANHA, GRAÇA. **CANAÃ.** RIO DE JANEIRO: EDIOURO, 2002.
- ARISTÓTELES. **A POLÍTICA.** SÃO PAULO: EDITORA ESCALA, 2006.
- ARROYO, MIGUEL G. **OUTROS SUJEITOS, OUTRAS PEDAGOGIAS.** 2.ED. PETRÓPOLIS: VOZES, 2014.
- AZEVEDO, ALUÍSIO. **O CORTIÇO.** RIO DE JANEIRO: EDIOURO, 1996.
- BAUMAN, ZYGMUNT. **MODERNIDADE LÍQUIDA.** RIO DE JANEIRO: EDITORA JORGE ZAHAR, 2001.
-----, **SOBRE EDUCAÇÃO E JUVENTUDE: CONVERSAS COM RICARDO MAZZEO.** RIO DE JANEIRO: ZAHAR, 2013.
- BERCITO, SONIA DE DEUS RODRIGUES. **CORPOS-MÁQUINAS: TRABALHADORES NA PRODUÇÃO INDUSTRIAL EM SÃO PAULO (DÉCADAS DE 1930 E 1940).** IN: PRIORE, MARY DEL. E AMANTINO, MÁRCIA. (ORGS.). **HISTÓRIA DO CORPO NO BRASIL.** SÃO PAULO: EDITORA UNESP, 2011.
- BRECHT, BERTOLT. **POEMAS 1913-1956.** SÃO PAULO: EDITORA 34, 2012.
- CIAVATTA, MARIA (COORD.); DUARTE, ELISA TAVARES (ET AL). **MEMÓRIA E TEMPORALIDADES DO TRABALHO E DA EDUCAÇÃO.** RIO DE JANEIRO: LAMPARINA, FAPERJ, 2007.
- CIAVATTA, MARIA. **O CONHECIMENTO HISTÓRICO E O PROBLEMA TEÓRICO-METODOLÓGICO DAS MEDIAÇÕES.** IN: FRIGOTTO, GAUDÊNCIO; CIAVATTA, MARIA. (ORG.). **TEORIA E LABIRINTO DO CAPITAL.** 2.ED. SÃO PAULO: EXPRESSÃO POPULAR, 2014.
- DE MASI, DOMENICO. **O ÓCIO CRIATIVO.** RIO DE JANEIRO: SEXTANTE, 2000.
- DICKENS, CHARLES. **TEMPOS DIFÍCEIS.** SÃO PAULO: BOITEMPO, 2014.
- GOMES, ÂNGELA DE CASTRO. **HISTÓRIA DO BRASIL NAÇÃO: 1808-2010 VOLUME 4. OLHANDO PARA DENTRO 1930 1964.** RIO DE JANEIRO: OBJETIVA, 2013.

- GOMEZ, CARLOS MINAYO (ET AL.). **TRABALHO E CONHECIMENTO: DILEMAS NA EDUCAÇÃO DO TRABALHADOR**. 6.ED. SÃO PAULO: CORTEZ, 2012.
- HOBBSBAWM, E. A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL. IN: **A ERA DAS REVOLUÇÕES**. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 1977.
- , **ERA DOS EXTREMOS: O BREVE SÉCULO XX (1914- 1991)**. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 1995.
- , **OS DESTRUIDORES DE MÁQUINAS**. IN: **PESSOAS EXTRAORDINÁRIAS**. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 2005.
- **TEMPOS FRATURADOS**. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2013.
- HUBERMAN, LEO. **HISTÓRIA DA RIQUEZA DO HOMEM**. RIO DE JANEIRO: ED. LTC EDITORA S.A, 1986.
- LE GOFF, JACQUES E TURONG, NICOLAS. **UMA HISTÓRIA DO CORPO NA IDADE MÉDIA**. RIO DE JANEIRO: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 2014.
- LESSA, FÁBIO DE SOUSA E SILVA, ANDREIA CRISTINA LOPES DA. **HISTÓRIA E TRABALHO: ENTRE ARTES E OFÍCIOS**. RIO DE JANEIRO: MAUAD X, 2009.
- LESSA, SÉRGIO. **PARA COMPREENDER A ONTOLOGIA DE LUKÁCS**. SÃO PAULO: INSTITUTO LUKÁCS, 2015.
- LUCA, TANIA REGINA DE. **INDÚSTRIA E TRABALHO NA HISTÓRIA DO BRASIL**. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2016.
- LUKÁCS, G. **AS BASES ONTOLÓGICAS DA ATIVIDADE E DO PENSAMENTO DO HOMEM**. REVISTA TEMAS, SÃO PAULO: CIÊNCIAS HUMANAS, Nº 4, 1978.
DISPONÍVEL:< [HTTP://WWW.GESTAOESCOLAR.DIAADIA.PR.GOV.BR/ARQUIVOS/FILE/SEM_PEDAGOGICA/FEV_2009/BASES_ONTOLOGICAS_PENSAMENTO_ATIVIDADE_HOMEM_LUKACS.PDF](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/FEV_2009/BASES_ONTOLOGICAS_PENSAMENTO_ATIVIDADE_HOMEM_LUKACS.PDF) >. ACESSO EM 08 OUT. 2018.
- MANACORDA, MARIO ALIGHIERO. **MARX E A PEDAGOGIA MODERNA**. 2ªED. CAMPINAS: EDITORA ALÍNEA, 2010.
- MARX, KARL. **MANUSCRITOS ECONÔMICO-FILOSÓFICOS**. SÃO PAULO: BOITEMPO EDITORIAL, 2010.
- , **O CAPITAL: CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA: LIVRO I: O PROCESSO DE PRODUÇÃO DO CAPITAL**. 2ED. SÃO PAULO: BOITEMPO, 2017.
- MARX, KARL E ENGELS, FRIEDRICH. **A IDEOLOGIA ALEMÃ**. SÃO PAULO: EDITORA MARTIN CLARET LTDA, 2005.
- MÉSZÁROS, ISTVÁN. **O SÉCULO XXI: SOCIALISMO OU BARBÁRIE?** 1 ED. SÃO PAULO: BOITEMPO, 2011.

- MOREIRA, ELIZEU VIEIRA. A TEORIA DA QUALIDADE TOTAL COMO POLÍTICA EDUCACIONAL DO CAPITAL. IN: CIAVATTA, MARIA E REIS, RONALDO ROSAS. (ORGS). **A PESQUISA HISTÓRICA EM TRABALHO E EDUCAÇÃO**. BRASÍLIA: LIBER LIVRO EDITORA, 2010.
- MORIN, EDGAR. **PARA ONDE VAI O MUNDO?** 3ED. PETRÓPOLIS: VOZES, 2012.
- NEVES, LÚCIA MARIA WANDERLEY E PRONKO, MARCELA ALEJANDRA. **O MERCADO DO CONHECIMENTO E O CONHECIMENTO PARA O MERCADO: DA FORMAÇÃO PARA O TRABALHO COMPLEXO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO**. RIO DE JANEIRO: EPSJV, 2008.
- OLIVEIRA, FRANCISCO DE. **CRÍTICA À RAZÃO DUALISTA: O ORNITORRINCO**. 1 ED. SÃO PAULO: BOITEMPO, 2013.
- PINTO, GERALDO AUGUSTO. **A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO NO SÉCULO XX: TAYLORISMO, FORDISMO E TOYOTISMO**. 3 ED. SÃO PAULO: EXPRESSÃO POPULAR, 2013.
- PONCE, ANÍBAL. **EDUCAÇÃO E LUTA DE CLASSES**. SÃO PAULO: CORTEZ, 2015.
- SADER, EMIR. **SÉCULO XX UMA BIOGRAFIA NÃO-AUTORIZADA: O SÉCULO DO IMPERIALISMO**. 1º ED. SÃO PAULO: EDITORA FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2000.
- SANT'ANNA. AFFONSO ROMANO DE. **POESIA REUNIDA 2005-2011**. PORTO ALEGRE: L &PM, 2014.
- SAVIANI, DERMEVAL. **HISTÓRIA DAS IDEIAS PEDAGÓGICAS NO BRASIL**. 4ED. CAMPINAS: AUTORES ASSOCIADOS, 2013.
- SAVIANI, DERMEVAL E DUARTE, NEWTON. **PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E LUTA DE CLASSES NA EDUCAÇÃO ESCOLAR**. CAMPINAS: AUTORES ASSOCIADOS, 2012.
- SENNETT, RICHARD. **A CORROSÃO DO CARÁTER: CONSEQUÊNCIAS PESSOAIS DO TRABALHO NO NOVO CAPITALISMO**. RIO DE JANEIRO: RECORD, 1999.
- THOMPSON, E. P. TEMPO, DISCIPLINA DE TRABALHO E O CAPITALISMO INDUSTRIAL. IN: **COSTUMES EM COMUM**. SÃO PAULO: CIA DAS LETRAS, 1998.
- TONET, IVO. A EDUCAÇÃO NUMA ENCRUZILHADA. IN: **EDUCAÇÃO CONTRA O CAPITAL**. SÃO PAULO: INSTITUTO LUKÁCS, 2012.
- ZOLA, ÉMILE. **GERMINAL**. SÃO PAULO: MARTIN CLARET, 2006.







PROFEPT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

